



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

***POR TRÁS DAS CÂMERAS: UMA REPORTAGEM SOBRE A COBERTURA DE
TRAGÉDIAS NO JORNALISMO***

Natália Alves Bezerra

Brasília, DF
Novembro, 2021



POR TRÁS DAS CÂMERAS:
REPORTAGEM SOBRE A COBERTURA DE TRAGÉDIAS NO JORNALISMO

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Faculdade de Comunicação, da Universidade de Brasília, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo, sob orientação da Profa. Dra. Rafiza Luziani Varão Ribeiro Carvalho.

Brasília
2021

Natália Alves Bezerra



NATÁLIA ALVES BEZERRA

**POR TRÁS DAS CÂMERAS: UMA REPORTAGEM SOBRE A COBERTURA DE
TRAGÉDIAS NO JORNALISMO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Faculdade de Comunicação, da Universidade de Brasília, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Rafiza Luziani Varão Ribeiro Carvalho
(Orientadora)

Profa. Dra. Liliane Maria Macedo Machado
(Membro)

Prof. Paulo José Araújo da Cunha
(Membro)

Combati o bom combate, terminei a corrida, guardei a fé.

2 Timóteo 4:7 NVI

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, eu gostaria de agradecer às pessoas que acreditaram em mim desde o primeiro suspiro de vida: Deus, Renata Alves de Jesus e Adeclaudio Bezerra, muito obrigada por toda a força, dedicação e suporte. Sem vocês eu não estaria aqui hoje, encerrando um dos ciclos mais intensos e importantes da minha vida.

Encerrar a Faculdade de Comunicação no meio de uma pandemia não foi nada fácil, pois estar presente na Universidade de Brasília fazia toda a diferença. Senti falta do caminho cheio de árvores da parada de ônibus até o Instituto Central de Ciências (ICC), de encontrar meus colegas de curso para conversar sobre tudo e qualquer coisa, de estar na Faculdade de Comunicação, de participar do SOS Imprensa nas sextas, no horário do almoço, de almoçar no Restaurante Universitário (RU), de ter aulas e poder falar cara a cara com os professores e de tudo o que por muitos anos fez parte da minha rotina. A pandemia e o isolamento social me fizeram enxergar a importância que era fazer um curso presencial, ter saúde e disposição. Sempre morei longe da universidade e passava a maior parte do meu tempo no transporte público. Naquele tempo, eu reclamava, hoje sinto muita falta.

Esses anos longe de tudo e todos me mostraram o tamanho da minha força e fé, pois aconteceram tantas coisas na minha vida, que não conseguirei nem citar nos agradecimentos. Eu quis desistir um milhão de vezes, mas Deus me presenteou desde os primeiros semestres, não com uma professora, mas sim com um anjo a quem eu sou muito grata, por toda a compreensão, apoio, dedicação e amor comigo durante o processo de criação deste trabalho. Professora Rafiza, eu não tenho nem palavras para agradecer, mas muito obrigada por tudo. Quando eu nem tinha mais forças, foram suas palavras que me levantaram e me ajudaram a prosseguir. Te admiro não é de hoje e desejo tudo de melhor para você e sua família. Pra mim, você foi e é a melhor educadora do mundo.

Não comecei esse trabalho sozinha, toda a ideia surgiu em conjunto com minha amiga de sala de aula e profissão. Milena Castro, como você fez falta, queria dedicar a conclusão da nossa ideia, que carinhosamente chamávamos de filho, à você. Não foi fácil seguir sozinha, mas consegui concluir, e sei que a sua torcida por isso era grande, muito obrigada por me acompanhar no início dessa caminhada, por

ter sido uma das minhas maiores parceiras na faculdade e também no estágio do Superior Tribunal de Justiça (STJ). Desejo que sua carreira seja tão brilhante quanto você. Aproveito esse espaço para dedicar este TCC também às minhas colegas de disciplinas e de trabalhos em grupo Jackeline Spies, Ana Vieira, Thalyta Guerra, Rebeca Borges, Luiza Guimarães, Daniele Brandão, Thifany Batista e Laís Pinheiro. Muito obrigada por fazerem parte da minha trajetória na UnB.

Agradeço também às minhas famílias que são enormes e não conseguirei citar todos, mas não poderia deixar de mencionar quem mais me incentivou nesta caminhada. Muito obrigada Luiza Rafaela por todos os conselhos e incentivos, eu te amo muito irmã; Beatriz e Ester, vocês me inspiram a ser a melhor versão de mim todos os dias; mãe, obrigada por ser meu maior exemplo de dedicação e de compromisso; minhas avós Marias, uma que é minha anja da guarda lá no céu, e a outra meu pedaço do céu na terra, eu amo muito vocês duas e espero que fiquem orgulhosas; meu primo Ian, obrigada por tudo. Além de você ser meu orgulho, saiba que você me transmite muita força. Meu amor Guilherme, obrigada por me segurar sempre que eu sentia que não tinha chão para seguir, eu te amo muito.

Vitória Sales e Ruth Velez, minhas amigas inseparáveis e irmãs do peito, queria agradecer o apoio de vocês, porque antes mesmo que eu acreditasse vocês já tinham certeza que eu ia conseguir. Eu amo a conexão e força que vocês duas me trazem e eu não poderia deixar de agradecer.

UnBTV, muito obrigada por ter sido minha segunda casa e minha escola prática de Jornalismo. Dedico essa reportagem a toda a equipe que faz essa TV Universitária ser gigante. Veteranos, amigos de semestre e professores da Faculdade de Comunicação, muito obrigada por cada ensinamento.

E, por último, dedico esse trabalho às minhas estrelas do céu que infelizmente não vão poder me ver concluindo essa etapa em vida, mas saibam que de onde estiverem vocês fazem parte dessa conquista também.

RESUMO

Este memorial apresenta o aporte teórico e os procedimentos metodológicos para a produção da reportagem *Por trás das câmeras: uma reportagem sobre a cobertura de tragédias no jornalismo*, sobre os bastidores de jornalistas, cinegrafistas e editores envolvidos em coberturas de tragédias urbanas e de guerra. A reportagem faz uma análise sobre esse tipo de cobertura e seus desafios, abarcando desde questões técnicas como abordagens, ética e rotina, até os impactos na vida pessoal dos jornalistas, proporcionando um novo olhar sobre esses profissionais.

Palavras-chave: jornalismo, tragédia, reportagem, bastidores.

ABSTRACT

This memorial presents the theoretical framework and methodological procedures for the production of the report *Behind the Cameras: Coverage of Tragedies in Journalism*, about the backstage of journalists, cameramen and editors involved in coverage of urban and war tragedies.

The article analyzes this type of coverage and its challenges, ranging from technical issues such as approaches, ethics and routine, to the impacts on journalists' personal lives, providing a new look at these professionals.

Keywords: journalism, tragedy, reporting, backstage.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

1.1 Justificativa.....	09
1.2 Pergunta de pesquisa.....	10
1.3 Objetivo geral.....	10
1.4 Objetivo específico	11

2. REVISÃO TEÓRICA

2.1 Reportagem.....	14
2.2 Reportagem Televisiva.....	18
2.3 Cobertura de Guerra e Conflitos	23
2.4 Repórter de Guerra.....	28
2.5 O lugar do jornalista.....	30
2.6 Ética no jornalismo.....	32

3. CONTEXTUALIZAÇÃO

3.1 Catástrofes.....	37
3.2 Tragédia.....	37
3.3 Trauma e Violência	38

4. MEMÓRIA DO TRABALHO

4.1 Produção.....	43
4.2 Apuração.....	44
4.3 Pós-Produção.....	49

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS 50

REFERÊNCIAS.....53

APÊNDICE.....58

1. INTRODUÇÃO

O tratamento da mídia em relação aos eventos trágicos levanta reflexão acerca da ética e do compromisso com a informação. Uma vez que a mídia trabalha com a representação do real, por meio de seus veículos, filtra a realidade através de seus produtos, podendo interferir na concepção acerca da notícia que será destinada aos telespectadores.

Dessa forma, ao abordar a tragédia, aqui entendida como uma ocorrência da vida real, o jornalismo age de modo intencional e seletivo na disseminação de “relatos de delitos, tragédias, histórias fantásticas, catástrofes e desastres, que o povo da rua considera excitante” (MARTINS, 2009, p.4).

Atualmente, o processo de transmissão da notícia tem sido um desafio ainda maior para jornalistas que, além de se submeterem a situações de risco, precisam enfrentar o crescimento do compartilhamento das conhecidas *fake news* (notícias falsas), seja pelas medidas governamentais e judiciais, ou pelo avanço da inteligência artificial que tem caminhado para o desenvolvimento de robôs¹ com capacidade de redigir notícias.

Dentre um dos pontos que afetou diretamente a carreira desses profissionais, está a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF)² que, em 2009, decidiu pelo fim da exigência do diploma de curso superior específico para a prática do jornalismo e a Medida Provisória que cria o programa Verde Amarelo³, no qual foi suspensa a exigência de registro profissional para jornalistas, radialistas, entre outros.

Além de todos esses fatores, o profissional da comunicação ainda precisa lidar com questões éticas e psicológicas no seu trabalho. Talvez um dos momentos mais decisivos seja quando o jornalista é escalado para cobrir uma tragédia sem ter muitas informações e mesmo assim precisa desenvolver um conteúdo de qualidade e ético. Nessas horas, o profissional precisa adotar uma postura estável e centrada, sendo que algumas vezes é preciso deixar o abalo pessoal de lado e focar em transmitir aquela informação da melhor maneira possível.

¹ Disponível em:

<https://super.abril.com.br/tecnologia/inteligencia-artificial-promete-fazer-jornalismo-100-imparcial/>. Acesso em: 20 de nov. de 2019.

² Disponível em:

<http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/stf-derruba-obrigatoriedade-de-diploma-para-jornalistas> Acesso em: 20 de nov. de 2019.

³ Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/verde-a>

Entrevistar ou não as vítimas, falar nomes de mortos, mostrar o alcance daquela tragédia, são dilemas que o jornalista enfrenta na cobertura. Diante de situações tão extremas, qual será o impacto da cobertura de tragédias nas rotinas de produção e na experiência pessoal dos jornalistas?

Com o intuito de verificar as consequências de coberturas de tragédias nas rotinas de produção e na vida pessoal dos jornalistas, esse produto busca realizar uma reportagem tendo como foco entender os principais aspectos envolvidos nessas situações que abrange desde o trade-off⁴ de entrevistar ou não a vítima ou envolvido, o enquadramento usado para descrever o acontecimento e a escolha das imagens utilizadas na reportagem. A fim de promover um espaço de fala que prestigia o registro e a memória de jornalistas que acompanharam e cobriram tragédias de grandes proporções.

Segundo Bourdieu (1997), o jornalismo é um campo à parte, é um pequeno mundo com leis próprias e que é definido por sua posição em um contexto global e pelas atrações e repulsões que sofre por parte de outros. A partir daí, pode-se compreender a prática daqueles que fazem parte dessa área e que mecanismos utilizam para fazer o jornalismo funcionar e produzir a notícia.

Nesse sentido, este memorial visa registrar o processo de concepção e a produção da reportagem *Por trás das câmeras: cobertura de tragédias no jornalismo*⁵, que retrata, por meio dos relatos de jornalistas e cinegrafistas, os bastidores enfrentados antes e depois da notícia trágica a ser transmitida, considerando fatores técnicos, éticos, a rotina produtiva e os impactos que essas coberturas causam depois na vida pessoal desses profissionais.

Coragem para ver é uma das exigências do ofício de repórter. A esta deve acrescentar-se outra, igualmente importante — a coragem de contar o que se vê. [...] Só seguindo em frente, sem se deter na busca da informação, dos fatos, da história da reportagem, o repórter pode deixar o medo para trás. Nesse caminhar, muitas vezes ele se surpreende: "Diabos, como é que eu fui me meter nesta!" (DANTAS, 1998, p. 20-21).

A escolha por produzir uma reportagem deu-se principalmente pelo tempo, por não ter uma equipe para me auxiliar e a situação em que o Brasil atualmente se

⁴ **Trade-off** ou **tradeoff** é uma expressão em inglês que significa o ato de escolher uma coisa em detrimento de outra e muitas vezes é traduzida como "perde-e-ganha".

⁵ Disponível em <<https://youtu.be/9ewhj2q5gSs>>

encontra. Enfrentamos uma pandemia (a da Covid-19) que ainda não chegou ao fim, afetando a vida e a rotina de milhões de brasileiros. A escolha da reportagem foi o caminho que melhor se encaixou na realização do produto. Diferente da notícia, que é factual, ou do documentário, que é mais profundo, a reportagem consegue ser realizada de maneira mais rápida, com um propósito instrutivo onde é possível contar histórias, inserir as falas dos personagens, revelar suas particularidades, detalhar momentos e utilizar várias fontes. Essas características particulares da reportagem revelam o melhor formato para esse projeto.

Como referência para a produção da reportagem *Por trás das câmeras* foi utilizado o livro *O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real* (2008), que reúne dez reportagens feitas pela repórter Eliane Brum. A jornalista narra os bastidores de cada reportagem, não só os acontecimentos, mas também os pensamentos e atitudes, dela, enquanto repórter e alguém que interage diretamente com personagens e fontes. Eliane, ao final de cada reportagem, questiona e analisa suas próprias atitudes e métodos utilizados como profissional e ser humano.

Como repórter e como gente eu sempre achei que mais importante do que saber perguntar era saber ouvir a resposta... Eu não arranco nada. Só me comprometo a ouvir, a escutar de verdade, sem preconceitos. Mais do que saber perguntar precisamos saber ouvir. (BRUM 2008 p.11)

Respeitando o isolamento social e as medidas de combate ao coronavírus, a reportagem foi gravada e produzida na casa da autora, por isso as entrevistas foram feitas à distância, ou seja, gravei os depoimentos de jornalistas, editores e cinegrafistas que estão trabalhando ou já trabalharam na cobertura de tragédias, e levantei questões sobre a rotina produtiva e os efeitos do trabalho na vida pessoal desses profissionais. Procurei também a opinião de um especialista da psicologia para falar sobre o estresse pós-traumático e como lidar com uma profissão que exige tanto do lado emocional dos profissionais da comunicação. A plataforma que utilizei para realizar as entrevistas foi o Microsoft Teams, plataforma unificada de comunicação e colaboração que combina bate-papo, videoconferências e armazenamento de arquivos.

Todas as entrevistas foram gravadas internamente na plataforma Teams e externamente na minha câmera pessoal. Por causa da primeira tentativa frustrada de gravar e ter as entrevistas somente em um *pendrive*, durante a videochamada deixei uma câmera externa registrando toda a entrevista apoiada no tripé, para que, se caso ocorresse algum problema, a gravação da câmera externa fosse utilizada.

A pós-produção foi dividida em quatro etapas: decupagem das entrevistas, pesquisa de imagens públicas para a cobertura de *off*, edição e sincronização de todo o material e disponibilização da reportagem no *YouTube*.

Com a realização dessa reportagem espero reforçar a importância do jornalista na sociedade, revelando a maneira como esses profissionais lidam com o medo e os possíveis traumas causados pelas coberturas trágicas, defendendo a necessidade de um olhar humano sobre o fato noticiado. Também espero desenvolver um material que sirva de apoio para as pessoas que queiram ingressar na profissão e tenham interesse em conhecer os bastidores sobre a cobertura de tragédias e os efeitos que ela causa na vida pessoal dos profissionais da comunicação e na sociedade como um todo.

Este memorial está dividido nos seguintes capítulos: 1) Referencial teórico, 2) contextualização, 3) Memória do trabalho, produção, apuração e 4) considerações finais.

2. REVISÃO TEÓRICA

2.1. Reportagem

Para definir o melhor formato para este projeto, optei por criar uma reportagem, que nada mais é que o relato de informações objetivas e a associação de fatos, permitindo ao leitor aprender sobre um determinado assunto em tempo hábil. Embora a notícia não se aprofunde no texto e tende a ser curta e objetiva, a reportagem traz um detalhamento de todo o material que pode servir para transformar situações em textos jornalísticos.

O responsável pela reportagem é o repórter, descrito por Nilson Lage em *O Relatório: Teoria e Técnica de Entrevista e Investigação de Jornalismo 2001* da seguinte forma:

O repórter está onde o leitor, ouvinte ou espectador não pode estar. Tem uma delegação ou representação tácita que o autoriza a ser os ouvidos e os olhos remotos do público, selecionar e lhe transmitir o que possa ser interessante. Essa função é exatamente a definida como a de agente inteligente. [...] Um agente inteligente deve ter autonomia, isto é, operar sem intervenção direta de seu contratante; ter habilidade social, isto é interagir com outros agentes, desenvolvendo, para isso, competência comunicativa; ser reativo, isto é, perceber o meio em que atua e responder em tempo aos padrões de mudança que ocorrem nele; e ser capaz de tomar a iniciativa, comportando-se de modo a cumprir sua tarefa. (LAGE, 2001, p. 23-24)

Para discorrer sobre a reportagem em vários momentos da história, é importante distingui-la muito bem de outras formas de jornalismo. Por anos a palavra reportagem tem sido usada sem um rigor conceitual. Como resultado, ela enfrenta um punhado de definições que variam frequentemente. No entanto, pode-se notar que quase todas as tentativas de apresentar o significado quanto mais difícil a natureza desse tipo de jornalismo, menos ele tem em comum: a presença do jornalista. No entanto, todas as explicações apresentadas por vários autores nos apontam para a origem etimológica da palavra "reportagem", ou seja, derivado do francês *reportage* e que significa "transportar".

Portanto, de acordo com sua narrativa, o repórter leva o leitor, ouvinte ou espectador ao palco onde tudo acontece, envolve-os e faz com que se sintam como uma parte importante da história relatada.

Para construir uma história, alguns procedimentos devem ser seguidos. O primeiro é a entrevista, ponto básico na pesquisa de informações jornalísticas. As perguntas vêm de pesquisas anteriores e trivialidades que surgem durante a conversa. Ainda na mesma obra, Lage afirma que a entrevista é “[...] uma extensão da consulta às fontes, geralmente voltada para a coleta de interpretações e reconstrução dos fatos” (LAGE, 2001, p. 73).

O relato também ocupa um lugar muito especial na relação entre a chamada memória individual e a memória coletiva. Por um lado, é a história de um determinado indivíduo, o repórter, cuja história é amplamente baseada em sua própria história ou, muitas vezes, no que é transmitido por seus “contatos”. Geralmente é escrito na forma de “depoimento” porque depende da “presença” do repórter, seja na pesquisa do artigo ou no próprio caso. O repórter é aquele “que está presente” e serve de ponte (diminuindo assim a distância) entre o leitor e o acontecimento (SODRÉ E FERRARI, 1986, p.15).

Silva Magna 2004 acrescenta que a reportagem transforma a história pessoal em história coletiva, ou vice-versa. Faz parte da linha de fronteira entre o individual e o coletivo e, ao mesmo tempo, extrai todo o seu significado dessa posição necessariamente ambígua. Fora dessa função, talvez não possamos falar em “reportagens”.

Não se pode perder de vista que, por mais pessoal que possa ser um dado registro jornalístico, ele é sempre reproduzido em grande escala, assumindo, posteriormente, o valor de “documento” não apenas pessoal, mas também histórico e coletivo (MAGNA, 2004).

Os meios de comunicação não são os únicos, mas hoje são um dos principais atores na realização do trabalho de enquadramento do passado das coletividades. É por meio deles que se dá o funcionamento da memória sob os eventos e interpretações do passado que queremos proteger. O controle da memória social parte de “testemunhas autorizadas” e o jornalista, mediador entre o fato e o leitor, intervém nesse processo, não só enquadrando os fatos, mas também reconstruindo valores e identidades no controle da realidade (RIBEIRO & BRASILIENSE, 2006, p. 4).

Essa posição única e ambígua, a fronteira entre uma memória individual e uma coletiva, dá características específicas às notícias e reportagens como ‘fontes’ que precisam ser melhor exploradas e compreendidas. Antes de mais nada, é

preciso lembrar que escrever ou narrar garante a "presença" do jornalista em determinado momento ou acontecimento histórico:

Segundo Bergamo Alexandre 2011, a escrita permite o encontro entre a "memória" e as suas "evidências documentais" : Lembrar — no caso do jornalismo e dado que as reportagens são "documentos" que ocupam esta posição única e ambígua — não é encontrar acontecimento no passado, mas a história desse evento no passado. Assim, a interdependência entre o que aconteceu e o que foi contado torna a história o documento mais importante de todos. É esta relação de dependência que pode explicar as definições da profissão baseadas principalmente no trabalho da escrita, não na reportagem, e que fazem do jornalista o "guardião da linguagem, da escrita e da credibilidade histórica" (SODRÉ, 2008, p.54).

A memória individual e coletiva inclui não apenas o acontecimento histórico (verdadeiro, confiável), mas também a linguagem e a escrita. É por isso que a importância 'documental' do jornalismo oscila, ora para o trabalho de reportagem, ora para a escrita (ora para outras formas de registro, como a fotografia ou o documentário).

Para Franceschini (2004), as diferenças entre a notícia e a reportagem são sutis. O autor diferencia esses gêneros ao afirmar que, enquanto a notícia depende de um fato novo, a reportagem é produzida a qualquer momento oportuno, ou seja, a notícia é definida por um texto que envolve conteúdo factual, são informações que precisam ser divulgadas com agilidade de imediato, pois se não for feito isso, a sua importância é expirada e perde o sentido de publicá-la depois, no dicionário Houaiss da língua portuguesa, temos as seguintes definições para o termo notícia :

1 informação a respeito de acontecimento novo, de mudanças recentes em alguma situação, ou do estado em que se encontra algo; nova, novidade Ex.: <tenho boas n. para lhe contar> <você teve alguma n. sobre a promoção dele?> 2 conhecimento do paradeiro ou da situação de alguém Ex.: não teve mais n. do amigo 3 recordação, lembrança Ex.: não conseguia eliminar da mente a n. do acidente 4 nota, apontamento Ex.: os inspetores tomaram n. das deficiências da instituição 5 escrito sintético sobre um assunto qualquer 6 nota histórica; biografia 7 Rubrica: jornalismo. relato de fatos e acontecimentos, recentes ou atuais, ocorridos no país ou no mundo, veiculado em jornal, televisão, revista etc (DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2006).

O texto jornalístico de uma notícia deve ser realizado em poucos parágrafos, com informações essenciais descritas no lead da matéria, às perguntas: quem, como, quando, onde e porquê? Serão suficientes para o leitor e devem ser apresentadas de acordo com o grau de importância do assunto, as razões e efeitos não são o objetivo da notícia, além dos fatos principais do assunto é necessário apenas a inclusão de declarações breves de fontes diretas ou indiretas que confirmam a veracidade da informação. Diferenciando notícia de reportagem, o *Manual de Redação e Estilo do Estado de S. Paulo* (1990) traz:

A reportagem pode ser considerada a própria essência de um jornal e difere da notícia pelo conteúdo, extensão e profundidade. A notícia, de modo geral, descreve o fato e, no máximo, seus efeitos e consequências. A reportagem busca mais: partindo da própria notícia, desenvolve uma sequência investigativa que não cabe na notícia. Assim, apura não somente as origens do fato, mas suas razões e efeitos (O ESTADO DE S. PAULO, 1990, p. 67).

A reportagem apresenta mais informações do que a notícia, conceito que é reforçado por Medina, J. (2001, p. 54), quando afirma que a reportagem é o “relato ampliado de um acontecimento que o jornalista vai ao local para apurar o fato”. Neste gênero jornalístico são abordadas as causas e desdobramentos de uma notícia, podendo ser uma continuidade do que já foi falado na notícia, ou um tema não factual, a reportagem também permite que o público tenha liberdade de criar interpretações sobre o tema abordado como aponta Bonner William (2009, p.19) “Reportagens de atualidade permitem ao público enxergar mais amplamente o momento que o país e o mundo atravessam, compará-lo com acontecimentos passados, intuir tendências e formar opinião sobre esses assuntos”.

O jornalista também pode incluir várias fontes para expandir sua pesquisa, deixando sua reportagem mais completa e detalhada de fatos importantes, segundo Faria e Zanchetta (2002), a reportagem busca recuperar as informações apresentadas no dia a dia e aprofundá-las; além de informar pontualmente sobre um fato, observa as suas raízes e o desenrolar dele. Lage (1987) acrescenta que a reportagem é um gênero próximo ao artigo de opinião, se nele houver vestígios que mostrem a relevância da autoria do texto; mas o autor deve respeitar os fatos e não apresentar opinião contrária, pois o papel da avaliação cabe ao leitor, ou seja a reportagem permite que o jornalista utilize mais tempo para pensar na pauta e ir atrás das fontes necessárias para desdobrar o tema proposto.

O lead é um dos fatores de maior diferença da notícia para a reportagem, pois na reportagem o lead não precisa responder no início as principais informações que serão abordadas. No início da reportagem é importante destacar de forma criativa o que instiga o público a saber sobre o quão interessante será o tema no decorrer do texto, o fato noticiado “recebe um tratamento mais elaborado, na medida em que há uma investigação maior, o que irá refletir na extensão do texto” (SILVA; SILVA, 2012, p. 2). Dessa forma é possível afirmar, que a notícia tem a capacidade de informar os fatos e a reportagem, além de informar, explica e conecta os fatos.

2.2. Reportagem Televisiva

A possibilidade de veicular imagens de um lugar para outro, por meio da televisão, deixou deslumbrada a humanidade, Segundo Abreu e Silva (2011) “Tudo o que se via na tela da televisão já produzia um sentimento de verdade, de credibilidade. Quando as cores entram na produção televisiva, a audiência se deslumbra; há um encantamento” e foi John Baird que:

[...] em fevereiro de 1928 realizou a primeira transmissão de televisão transatlântica, ligando a estação inglesa de Coulsdon à de Hartsdale, nos Estados Unidos. [...] Foi Baird quem primeiro realizou experiências com a televisão em cores, a partir da exploração das imagens com luz vermelha, verde e azul, princípios que regem a televisão colorida até hoje. (SQUIRRA, 1995, p. 34).

A partir da televisão se pode divulgar outras mídias, como teatro e cinema, e o espetáculo, portanto, se encontra grande valor nesta nova abordagem fazendo com que a população passe a focalizar a sua atenção para a chamada caixinha mágica e a rápida evolução da tecnologia deu origem à demanda cada vez maior por televisão.

A primeira transmissão de televisão não se destinava ao jornalismo (SOUSA, 2003, p.65). Antes disso, proliferavam os programas de entretenimento, esses programas atraíram o público, maravilhado com a nova construção. Lopes (1982, p. 123) observa que o jornalismo televisivo só apareceu em 1941, nos Estados Unidos, durante a invasão japonesa da baía estadunidense de Pearl Harbor. Naquela época, de acordo com o autor, um grupo de jornalistas fez a cobertura televisiva de um ataque de nove horas, da invasão dos japoneses aos americanos, três dias depois

houve retaliação por parte dos americanos, que ficou conhecida como Batalha de Midway e a cobertura foi transformada em um noticiário televisivo de caráter claro e convincente.

Abreu e Silva (2011) afirma que foi em 1930, na Inglaterra, que aconteceu a primeira transmissão de um programa de televisão no mundo pela pioneira BBC. A partir de então, o jornalismo passou a ser utilizado em três meios - impresso, áudio e televisão — criando assim uma forma de competição entre jornalismo escrito e visual.

O boletim da BBC foi lido por uma locutora e não continha imagens. Curran & Seaton (1997, p. 205) também afirmavam que a TV utilizava jornalistas como locutores, permitiam que eles escrevessem notas e as mostrassem na tela. Ao criticar a ausência de uma pessoa nas atividades dos noticiários da TV da BBC, os autores acabam levantando a necessidade da existência de um protagonista humano.

Sousa (2003, p. 64) atribui o primeiro jornal televisivo aos americanos, de acordo com o autor, no final dos anos 1940, a pedido da Federal Communications Commission do governo dos EUA, começaram a acontecer os primeiros boletins de notícias diários. Além disso, Sousa (2003) apresenta muitos detalhes, até mesmo descrevendo os recursos de conteúdo das histórias originais.

Mesmo com as controvérsias do surgimento do primeiro jornal televisivo, o fato é que, gradualmente, os serviços de comunicação continuaram a ganhar espaço à medida que crescia a demanda de qualidade exigida pelos consumidores do produto de televisão. Ao final de quase duas décadas de televisão, os noticiários da TV ganharam muita popularidade e presença mais importante no planejamento de qualquer canal. A este propósito Bustamante (1999: 125) afirma que “[...] os telejornais revelaram-se desde os anos 70, nos Estados Unidos, como um componente essencial da imagem do canal [...], apesar dos seus elevados custos”. O autor também reforça que a informação era o principal elemento para legitimar a presença de um canal, ao mesmo tempo que se revelava imprescindível para a imagem do mesmo.

Com base na ideia de contar, relatar, a reportagem é mais frequentemente definida como o resultado final de uma série de etapas da produção jornalística na televisão: pauta, apuração, produção (gravação e edição), exibição/apresentação, que só então se transforma em uma matéria.

O telejornalismo possui padrões de comportamento mais rígidos em comparação com outras áreas da produção televisiva pois, basicamente se propõe a lidar com a realidade e, assim, influenciar diretamente a vida das pessoas. É por isso que no jornalismo televisivo as roupas, os gestos, a voz e as expressões faciais fazem parte da reportagem, contam tantas histórias quanto as notícias. E tudo isso se reflete no produto final do texto da notícia, ou seja, na reportagem.

Barbeiro e Lima (2002, p.75) afirmam que “A reportagem é a principal fonte de matérias exclusivas do telejornalismo. O objetivo sempre é contar uma história simples, direta, clara, didática, objetiva, equilibrada e isenta”.

Diferente de uma reportagem escrita e publicada digitalmente ou em um jornal impresso, no texto feito para televisão, tudo o que tiver de ser contado ao público, deve ser feito oralmente, e isso consome mais tempo que a leitura silenciosa. Outro fator determinante, é que a reportagem televisiva, possui a necessidade de repassar informação clara e objetiva, para ser compreendida de primeira porque o telespectador não pode voltar atrás para entender melhor, como explica Bonner William (2009):

O texto bem feito teoricamente, não deveria forçar ninguém a relê-lo. Sua compreensão deveria ser imediata. Mas é fato: se uma vírgula, no meio da frase, confundir o leitor, ele terá a oportunidade de voltar ao início. Uma chance que não existe na televisão. (Bonner William, 2009, p 94)

A estrutura narrativa da reportagem televisiva geralmente consiste em *off*⁶, *passagem*⁷ e *som*⁸, sendo que a ordem de ocorrência na estrutura narrativa é independente.

Quanto mais complexo o assunto, maior a probabilidade de ser tratado em uma reportagem maior, utilizando imagens e recursos de arte que ilustram a reportagem e com entrevistas, de acordo com Bonner William (2009, p. 108) “o objetivo é fazer com que todos compreendam os temas por mais áridos que venham ser”. Dessa forma o texto televisivo compete não só com o ambiente em que é

⁶ Texto narrado pelo repórter sem que ele apareça na tela, é o que estrutura a reportagem.

⁷ Geralmente apresenta uma informação relevante que é dada pelo repórter que aparece na tela (usado quando não se tem imagens para uma informação e quando se quer valorizar a participação do repórter numa reportagem).

⁸ É o trecho selecionado da entrevista realizada pelo repórter com os entrevistados que é usado para complementar a reportagem.

visualizado, mas também com a força centrípeta das imagens, que condensam inúmeras informações.

Segundo Emerim (2010) o pré-requisito é que um bom relato não exija o comparecimento do repórter no trecho, portanto, este só deve ser utilizado em situações específicas, ou seja, quando não houver outra forma de dar essa informação.

Na prática profissional e no ensino de telejornalismo costuma-se indicar aos iniciantes que a escolha do uso ou não da passagem está condicionado à seguinte pergunta: o que está sendo dito não pode ser usado em *off*? Se a resposta for sim, o editor provavelmente cortará a passagem e o transformará em *off*. Caso a resposta seja não, é porque o boletim é necessário e deve fazer parte da reportagem. (EMERIM, 2010, p.9-10)

A redação da reportagem na televisão depende de uma articulação competente desses elementos e também de outras regras mais específicas. Essa regra também está relacionada à questão da discricção: o repórter não pode aparecer mais do que a reportagem ou os entrevistados.

Para escrever para a televisão, Paternostro (1991) afirma que é preciso combinar o que é dito com o que é mostrado, ou seja, texto e imagem devem informar em um conjunto harmônico, podendo até não ser preciso ser dito algo, tendo ciência que a imagem também informa. Segundo a autora, podemos partir de um provérbio chinês, *uma boa imagem vale mais que mil palavras, pois a imagem diz o que a palavra não traduz*.

A exceção no telejornalismo está relacionada à noção de reportagem e credibilidade, já que a opinião dita um lado do fato a ser tomado, o que colocaria em risco qualquer privilégio da televisão de atingir um público mais amplo. A isenção, portanto, também depende da credibilidade, porque se os fatos são apresentados sem direção e opinião, eles aparecem "mais credíveis" aos olhos dos telespectadores. E para que os meios de comunicação respondessem a essas premissas, as mensagens deveriam seguir uma série de regras.

Segundo Lopes (1982: 126), ao contrário dos outros meios, numa reportagem televisiva a imagem é que deve contar a história, essa é a principal regra a se seguir para atingir os objetivos informacionais, pois *na televisão "mostrar é mais importante que dizer"*. Contudo, o autor deixa entender que não se deve negligenciar a importância do texto ao afirmar que *"palavras e imagens andam*

juntas, reforçando-se mutuamente". Tendo em mente que o texto deve estabelecer objetividade e clareza, utilizando, portanto, frases curtas e parágrafos, palavras simples, de fácil compreensão, que não são descritivas e não contêm sentenças de efeito que possam desconstruir o significado e transformar as informações isentas em uma direção da interpretação ou opinião.

Paternostro (1991) destaca a necessidade da entrevista ser informal como se fosse uma conversa, mas sem jargão; respeitando as regras gramaticais; de ter um ritmo lento, mas não muito lento, entre outras coisas. Outra consideração essencial é a regra de tratamento ou a relação íntima entre o repórter e o entrevistado na reportagem: por mais íntimo e conhecido que seja o entrevistado, ele deve ser tratado com profissionalismo e respeito, mantendo o jornalista e, por meio da isenção, criar o efeito de um senso de credibilidade na reportagem.

De acordo com Emerim (2010) "A internet eliminou as barreiras à transferência remota de dados e gerou novas expectativas em relação à comunicação dos seres no planeta", ou seja a imagem está mais acessível, mais rápida e mais próxima de ser tocada, todos os dias, por um maior número de pessoas e isso se refletiu diretamente na mídia televisiva, hoje reconfigurada, no esforço de entender qual é a audiência que tem acesso nessas novas bases.

Informar é repassar conhecimento para quem não o possui. Com base nesta suposição, pode-se dizer que o conteúdo da informação é muito mais forte que o grau de ignorância do seu público-alvo e das necessidades da televisão, sabendo com antecedência quem são os destinatários de seus produtos, na verdade, os produtos de mídia em geral são feitos para "alcançar" um determinado tipo de destinatário.

Um serviço noticioso da televisão pode ser visto por pessoas analfabetas, por empregadas domésticas, médicos, engenheiros, funcionários públicos, pescadores e camponeses. Esta heterogeneidade do público exige do jornalista de televisão um cuidado mais apurado na utilização das palavras, contando as histórias numa linguagem precisa, clara, simples e direta. (NEVES, 2007, p. 41)

Portanto, a televisão trabalha com a configuração de audiências para que possa produzir um produto que tenha basicamente espaço e aceitação no mercado.

Segundo Charaudeau (1997) existe uma contradição nessa perspectiva: se a informação da mídia televisiva tenta atingir uma meta que reúna o maior número

possível de destinatários, deve-se estabelecer uma hipótese sobre o estágio de conhecimento desse público, levando em consideração, portanto, é pouco iluminado. E mais ainda, segundo o autor, o que caracteriza o “grande número” é uma heterogeneidade qualitativa — no caso da televisão aberta —, neste grupo existem pessoas com diferentes níveis de esclarecimento e as informações podem ter algum conteúdo mais forte do que outros.

Com base em Sousa & Aroso (2003) e Yorke (1998) existem algumas regras que devem ser observadas na redação de um texto de uma reportagem telejornalística:

- O repórter deve ver primeiramente as imagens e ouvir todos os sons de que dispõe. Isso permitir-lhe-á escolher as imagens e sons mais adequados para a história que querará contar;

- A observância da regra exposta acima exige que o repórter não caia na tentação de fazer a descrição absurda do que se vê. De igual forma, não deve haver contradição entre o que se vê e o que se diz;

- Aguçar a curiosidade do telespectador e fazê-lo assistir a reportagem com atenção. O comentário-off e a imagem devem ser ancorados em determinados pontos da narrativa audiovisual, chamando a atenção para o que se observa (“estas imagens”, “foi aqui”, “é neste local...”);

- O repórter deve esforçar-se por fazer com que o texto-off vá respondendo às questões que as imagens e sons associados suscitam. Outrossim, o repórter poderá intuir possíveis questões que o telespectador pode colocar quando observa as imagens, pelo que o texto-off terá em atenção este pormenor;

- Dividir frases complexas em frases simples tentando veicular apenas uma ideia em uma oração;

- O repórter deve ler sempre o texto em voz alta e substituir todas as palavras que tenha dificuldade em pronunciar. É importante evitar expressões de sentido duplo e preferir palavras pequenas às grandes. Na gravação/montagem deve haver um intervalo de pelo menos um segundo entre cada parágrafo do comentário-off.

.Por fim é importante ressaltar que para Sousa & Aroso (2003, p.128): “[...] numa peça bem estruturada o comentário vai respondendo às questões que as imagens vão suscitando”, cabendo ao repórter resolver as possíveis interrogações que surgirem na mente do telespectador.

2.3. Cobertura de Guerra e Conflitos

O jornalismo de guerra e conflito é o responsável por relatar e documentar uma época específica, apresentando registros de como era o meio, a política, a economia, a cultura, as dificuldades e vitórias de determinado país. Como explica, Élvio da Silva Carvalho, na dissertação “Jornalismo de Guerra: O Caso da Imprensa Portuguesa, 2016”,

Jornalistas especializados, semi especializados ou enviados especiais que ficam encarregados de nos trazer as últimas atualizações da frente de combate. Homens e mulheres que arriscam a vida em nome de um dos gêneros informativos com maior interesse e relevância pública, para que os que não podem, e/ou não querem, lá estar, possam ficar a par de todos os movimentos. Mas atenção, o jornalista de guerra não deve ser visto como uma espécie de herói, alguém que avança sem medo em nome da informação. A verdade é que esta é uma das especializações jornalísticas que mais controvérsia pode suscitar. (CARVALHO, 2016, p. 7)

Cabe ao jornalista, muitas vezes, acompanhar situações de violência, abusivas, narrar fatos e se expor em situações de risco. O jornalismo e a cobertura de conflitos tem uma gama de fatores que precisam de atenção, sejam técnicos, operacionais, éticos e estéticos. Dessa forma, se propõe um olhar sobre os jornalistas como parte dessas situações trágicas. Esse tipo de profissional se expõe às circunstâncias de grandes impactos emocionais na cobertura de guerra para que através de seus relatos, a população possa ter a noção real do que acontece, tanto no nosso país, como nos outros, além do mais “é um absurdo afirmar que ‘toda guerra é absurda’, para a quebra deste tabu existe o jornalismo de guerra com o propósito de enfrentar certos constrangimentos para nos relacionar com o mundo.” (FREIRE; VAZ BORJA, 2016, p.8).

As críticas não são incomuns, mesmo que na opinião de outros meios de comunicação, como portais e blogs, sobre o papel dos jornalistas em coberturas de conflitos, desastres e desastres naturais. Pela falta de empatia e / ou ceticismo profissional no questionamento das vítimas, por exemplo, pelo potencial de organização, suspeito de assumir um tom sensacionalista, esse tipo de transmissão televisiva parece ser capaz de unir profissionais, público e crítica.

Embora a cobertura de temas violentos e outras emergências muitas vezes recaia sobre jovens jornalistas, de acordo com Ted White (2008), situações

desastrosas seriam uma boa oportunidade para as emissoras de televisão mostrarem seus grandes talentos. O autor referiu-se a uma reportagem assinada por Jacques Steinberg no *The New York Times* dizendo que executivos e locutores de TV perceberam que, apesar do declínio de audiência nos últimos anos, tempos difíceis também podem ser “uma rara oportunidade de tentar recuperar o interesse público” (WHITE, 2008, p. 208).

É na cobertura de guerra que os jornalistas acabam ganhando reconhecimento, porque não só arriscam suas vidas, mas também garantem informações em um curto espaço de tempo e muitas vezes fazem transmissões ao vivo. Significativamente, eles apontam constantemente o desenvolvimento dos fatos, atualizam e mostram os resultados esperados e imprevistos dos confrontos.

Com uma rotina incerta, o correspondente que se propõe a trabalhar nesta área depara-se com a abrangência de temas fora do seu país de origem, com acesso a outra cultura, política, economia e idioma específicos. Além disso, com interesses muitas vezes camuflados. A cobertura de guerra e conflito se afasta do jornalismo convencional e torna-se fundamental porque nos permite ter uma ideia real do que está acontecendo tanto em nosso país como em outros países, se mostrando como um jornalismo com o objetivo de resolver certas limitações de lidar com o mundo (FREIRE; VAZ BORJA, 2016, p.8).

O jornalismo de impacto, como a reportagem de guerra, é responsável por garantir as visões dos destinatários de um meio, cuja realidade não é a mesma que vivenciam. Capaz de criar conceitos e fundamentos diferenciados relacionados a diferentes países, o correspondente internacional que usa seu conhecimento para transmitir sua versão dos fatos a outros garante um novo rumo para a história. Muitas vezes apontando para uma crítica que faz as pessoas pensarem.

O correspondente de guerra e conflito pretende estar sempre no local onde se desenrolam os acontecimentos, sendo fundamental acompanhar os acontecimentos na hora certa.

O repórter de televisão, em especial o correspondente internacional, não deve apenas saber agir rapidamente quando se depara com a notícia. Ele também tem que aprender a esperar e, claro, fica frustrado se não estiver no lugar certo na hora certa (HENNING, 1996, p. 157).

O jornalista, por mais bem preparado que esteja para cobrir acontecimentos como guerras e conflitos, não tem controle sobre o que se passa em sua psicologia,

conforme explicam Monteiro e Heller (2016), na matéria “O Papel da Imprensa em Conflitos armados: o caso da guerra civil na Síria”:

Confrontado com as frequentes e horríveis realidades de um conflito, qualquer crença de que o jornalista consegue manter-se distante, remoto, ou imune ao que está a acontecer ‘tende a voar pela janela’ rapidamente (ADIE *apud* ALLAN; ZELIZER, 2004, p.3).

O jornalista também tem fragilidades, luta para fugir, resiste com bravura, mas precisa de muito mais para ficar imune ao que vive em lugares onde o cenário é de sofrimento, tristeza, morte e destruição.

José Rodrigues dos Santos explica no livro *A verdade da guerra: da subjetividade, do jornalismo e da guerra* que o jornalista que vive essas situações de conflito e guerra “[...] não esquece a experiência, justamente porque a guerra suscita reações insuspeitadas do fundo da mente” (2005, p.135).

Porém, Pedro Bial retrata no livro “Crônica do Repórter” que há pessoas que conseguem controlar com mais facilidade os sentimentos despertados em uma situação de guerra. Algumas pessoas estão mentalmente “equipadas” para este tipo de trabalho (BIAL, 1996).

Os jornalistas que cobrem situações de guerra, violência, conflito e impacto fazem de tudo para obter a informação: “Quando precisam de algo, os repórteres engolem todo vestígio de orgulho e imploram, imploram, se humilham com gosto”. (BIAL, 1996, p. 46).

Outra história semelhante à de Pedro Bial é descrita no livro *Via Satélite: Histórias de um correspondente internacional*, de Hermano Henning, onde o autor entrevistou Janus Lenghel⁹ durante uma de suas estadas na Europa e o correspondente internacional que cobriu a guerra russo-finlandesa em 1940, retrata a coragem que um correspondente deve ter: “Se eu tivesse que morrer, morreria de qualquer maneira [...]” (HENNING, 1996, p. 113).

Lucas Mendes confirma os autores anteriores e no livro *Conexão Manhattan* retrata os riscos que os jornalistas correm ao relatar conflitos armados e que são atacados sem piedade, muitas vezes pela própria agenda. “Suspeito que alguns jornalistas que morreram em El Salvador e na Nicarágua foram mortos por grupos de soldados e guerrilheiros que os seguiram” (MENDES, 1997, p.53).

⁹ Janos Lengyel, foi um jornalista internacional húngaro-brasileiro, que se destacou também como jornalista esportivo, cobrindo desde 1950 todas as Copas do Mundo, Olimpíadas e, principalmente, a Fórmula 1.

No "Jornalismo de Guerra: O Caso da Imprensa Portuguesa", escrito por Élvio da Silva Carvalho, o autor afirma:

Correspondentes de guerra, homens e mulheres que se arriscam na frente em nome da informação, têm, portanto, dois grandes desafios: sobreviver, porque, como soldados, esses jornalistas saem de casa com a incerteza de voltar; e tente ser o mais objetivo possível. O desafio é não deixar sua mente tomar partido, pelo menos não quando se trata de escrever, falar ao microfone ou gravar uma televisão 'ao vivo' (CARVALHO, 2016, p.10).

Diante de câmeras e microfones, os correspondentes internacionais procuram mascarar os sentimentos que os atravessam, esconder o próprio sofrimento, engolir as lágrimas, em nome da clareza, da objetividade de se comunicar.

Hoje, os jornalistas precisam entender que tipos de eventos estão cobrindo; como entrevistar e como enquadrar sua história. Há uma enorme necessidade de compaixão e visão, de educação e treinamento. Por outro lado, também é imperativo que os jornalistas e suas organizações entendam o impacto que a reportagem de trauma pode ter sobre aqueles que "apenas" fornecem e a ajuda é chamada de trauma "secundário" - e a necessidade de ser apoiado e preparado para esse tipo de experiência (PEARLMAN & MACLAN, 1995, p.558).

Quando falamos sobre histórias de trauma, não estamos falando apenas sobre guerras e desastres no exterior, como a invasão do Iraque, um tsunami, a guerra no Afeganistão ou o massacre em uma escola em Beslan. Também nos referimos às histórias vulgares, mundanas e cotidianas de sofrimento extremo que acontecem muito mais perto de casa: acidentes de trânsito; abuso infantil; violência sexual; estupros; julgamentos de assassinatos; desordens sociais; relatórios infiltrados e ataques pessoais.

Atualmente é o *Dart Centre for Journalism and Trauma* que encoraja os jornalistas a estarem cientes do impacto do trauma psicológico e como ele pode afetar vítimas e sobreviventes, amigos, comunidades locais e nações inteiras — em última análise, até mesmo repórteres e aqueles que fornecem suporte técnico e editorial, disponibiliza recursos para promover reportagens éticas, razoáveis e bem informadas sobre violência e tragédia; Apoia a formação de jornalistas e de estudantes de jornalismo no âmbito da psicologia do impacto traumático; Promove o apoio organizacional e individual dos jornalistas e equipes que fazem a cobertura do

trauma, e por fim, apoia e dissemina investigações e boas práticas no campo do jornalismo e do trauma.

Dito de outro modo, esta é uma agenda disponível no site <https://dartcenter.org/> que envolve tanto o jornalismo de trauma como os jornalistas que o noticiam.

2.4 Repórter de Guerra

Conforme a evolução das sociedades e as crescentes necessidades, houve uma demanda cada vez mais exigente por parte dos leitores. O número de consumidores de informação cada vez maior, fez com que os veículos de imprensa investissem em qualidade. Um papel importante de tecnologia, com foco especial na Revolução Industrial e no surgimento de um nacionalismo que, entre outras coisas, transforma completamente a organização do setor de comunicação (RODRIGUES DOS SANTOS, 2002, 22).

Desta forma, jornalistas começaram a ser designados para cobrir grandes eventos, como por exemplo, as guerras. Segundo Rodrigues dos Santos (2002, p. 22) verifica-se que em 1789, teve um primeiro apelo de jornais especiais, o *Morning London Chronicle*, o primeiro jornal a enviar um jornalista para o exterior.

No entanto, o primeiro grande jornalista enviado para cobrir a guerra apareceu recentemente, ou seja, em 1807. Ele era Henry Robinson, enviado especial do *The Times of London*, após as Guerras Napoleônicas.

Para Rodrigues dos Santos (2002, p.9) o jornalista atua como um verdadeiro historiador, embora não seja um deles. Para o autor, os jornalistas são testemunhas importantes da história, não porque capturem e expliquem melhor a veracidade mais do que qualquer outra testemunha, mas porque é seu dever observar os acontecimentos com seus próprios olhos como quem vai relatar e tentar recriar os acontecimentos terceiros. Na verdade, é justamente essa a tendência da reportagem, de eternizar os eventos que fazem com que o jornalismo seja tão importante.

2.5. O lugar do jornalista

O "bom jornalista" é aquele que "muito viu" e "muito fez", portanto, aquele que tem "muito a contar" (BERGAMO ALEXANDRE, 2011, p. 246). É através da narrativa biográfica — cuja a história e experiência de vida — que o "muito visto" e o "muito feito" passam a expressar o mais alto valor simbólico que a trajetória possa ter. Guerras, violência policial contra comunidades, fuzilamentos em massa, acidentes aéreos, desastres naturais e causados por humanos, violência sexual e mortes. Todos fazem parte de eventos traumáticos. E cabe ao jornalista vivenciar, cobrir, registrar e disseminar essas informações.

No artigo “A atuação do repórter na cobertura televisiva de tragédias: o olhar do jornalista como testemunha do fato que enuncia”, Iluska Coutinho e Jhonatan Mata trazem uma reflexão acerca das críticas e análises feitas pelo “olhar estrangeiro” – atores sociais que não estão inseridos nas rotinas profissionais de repórteres, cinegrafistas e editores – sobre o trabalho realizado pelos jornalistas.

Não são raras as críticas, presentes inclusive em espaços opinativos em outras mídias, tais como portais e blogs, acerca da atuação dos repórteres em matérias que tem como pauta desastres e tragédias naturais. Desde a falta de sensibilidade e/ou excessiva redundância dos profissionais ao formularem perguntas às vítimas, por exemplo, aos possíveis excessos cometidos na edição, acusada de assumir um tom caracterizado como sensacionalista (COUTINHO e MATA, 2013, p. 382)

Segundo Coutinho e Mata, essas críticas apontam para na mesma direção:

[...] o repórter ocuparia o lugar de um outro, distinto do cidadão comum; narrador dos dramas sociais ele não deveria, de acordo com as expectativas para ele construídas pelo público e mesmo pelos manuais, envolver-se com aspectos emocionais do fato ou situação a ser noticiada. (COUTINHO e MATA, 2013, p. 382)

Alquéres (2005) complementa dizendo que o jornalista é, antes de tudo, um repórter. Cabe-lhe a árdua tarefa de sair em busca da notícia fresca, da entrevista inédita, do acidente que acabou de ocorrer, da pesquisa que ainda será divulgada. Reconstruindo os novos acontecimentos e registrando opiniões e depoimentos relevantes, escreve a história imediatamente, mantendo os leitores atualizados e

levando aos autores da historiografia de longo prazo fontes informativas de valor inquestionável (ALQUÉRES, 2005, p. 11).

A importância de ser um jornalista escrevendo a notícia se dá principalmente pelo dever que o jornalista cumpre de transmitir uma informação verídica e autêntica através da dedicação honesta à realidade objetiva e a exposição responsável dos fatos no seu contexto, previsto no artigo 9º do *Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros*.

A professora e escritora Thaís Jorge cita em seu livro *Manual do foca* a famosa frase: “Se um cachorro morde um homem, não é notícia, mas se um homem morde um cachorro, aí então é notícia, uma notícia sensacional” (JORGE, 2008, p. 20). Ela explica que não se sabe ao certo quem é o autor desse “ditado”, contudo a frase ajuda a ter uma dimensão do que seria valor notícia, pois atende alguns critérios de noticiabilidade, como o fato de ser novidade, inusitado, sensacional e misterioso. Jorge lembra que o fator morte (tragédias naturais e humanas, catástrofes, assassinatos, drogas, crimes, acidentes, violência, disputas, guerra, agressão, entre outros) também compõem a série de critérios adotados para definir se uma história pode virar notícia ou não.

Nessa mesma linha, o professor Luís Martins afirma que

[...] os critérios de noticiabilidade (newsworthiness) recaem sobre o trágico seguidamente de perturbações da ordem natural das coisas, daí a falha, a exceção, o desvio, enfim, o que foge do esperado apontar imediatamente para o interesse em torno do que é socialmente dramático (SILVA, 2017, p. 17).

Segundo Martins, o jornalista ao escrever a notícia não vai minimizar os efeitos daquele acontecimento trágico, pelo contrário, a própria estrutura básica da narrativa jornalística convida a que os elementos emocionalmente mais fortes sejam organizados numa escala decrescente de impacto. E obter “efeitos” (entre eles, os emotivos e catárticos) é também basilar entre os propósitos fundamentais da comunicação massiva, haja vista a antiga e célebre fórmula de Lasswell: quem diz o que para quem por meio de que canal com que efeitos (SILVA, 2017, p.17).

2.6. Ética no jornalismo

É possível pensar no jornalismo sem ética? O termo "notícias sem ética" refere-se a pessoas que não "respeitam" o público e o público (incluindo aqueles diretamente relacionados com a reportagem). Em teoria, os resultados são

prejudiciais para os cidadãos e a sociedade. Algumas pessoas preferem dizer que nas atividades de gestão, produção e divulgação para restringir e manter o jornalismo e seus profissionais na direção do "bem-estar social" e os princípios estabelecidos nos códigos profissionais de atividades de gestão formulados com o fortalecimento da democracia e da liberdade não são considerados. O resultado da atividade noticiosa prejudicada? A indústria noticiosa não está cumprindo sua função de fornecer informações?

Sem ética, a notícia é apenas uma técnica narrativa, é vazia e não tem razão de ser (BERGER & LUCKMANN, 1985), focando na correta interpretação do mundo, abordando os fatos "verdadeiros" e pagando a atenção aos seus produtos simbólicos pode dar os efeitos nocivos da sociedade, como o reaparecimento do preconceito, o incentivo à intolerância, o reforço de comportamentos falsos ou "desumanos".

Se a essência do jornalismo é justiça e bem-estar social, relata Guareschi (2000, p. 50-55), deve-se enfatizar que imoralidade e jornalismo não podem andar juntos. Ao contrário, do ponto de vista de quem presta informações responsáveis à sociedade, a moralidade e a notícia são indissociáveis. Eles são "sinônimos" de responsabilidade com os outros, relações sociais e organização. O jornalismo, por sua vez, tem uma relação de dependência total. A moralidade é seu fundamento e seu motor. Sem ela, perde a imunidade social, perde o contato com o público, e é firmada por meio de contratos de fideicomisso (RODRIGO-ALSINA, 2009) e relações de confiança (VIZEU, 2009).

O *Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros* garante o direito do profissional de resguardar o sigilo da fonte, e também alerta que é seu dever não comprometer a integridade das fontes e dos profissionais com quem trabalha, bem como o direito de intimidade, privacidade, honra e imagem do cidadão.

Esses direitos e deveres mencionados são o ponto de partida para discutir a questão da fonte no relato de tragédias, pois na maioria das vezes o profissional concentra seu relato nas pessoas diretamente envolvidas naquele trágico acontecimento. Embora o trabalho não enfoque a responsabilidade do profissional para com a fonte, é importante abordar esse tema para gerar análises mais objetivas durante as entrevistas. Márcia Franz Amaral (2011) destaca que a fonte é essencial no relato das tragédias.

O acontecimento não é uma realidade objetiva externa alheia ao sujeito que a percebe (ALSINA, 2009, p.12). O acontecimento catastrófico demanda várias fontes com o intuito de reconstruir elementos que aconteceram no passado e no presente, pois são as fontes que credibilizam o fato. Os testemunhos têm visibilidade pelo relato da sua experiência, porque presenciaram o fato, participaram diretamente da sua causa ou sofreram as consequências dele.

O jornalismo se sustenta no interesse e na confiança de seu público depende da lealdade e da crença das pessoas. Mas o que isso significa? A Grosso modo, compartilhando símbolos e seus significados de maneira eficaz, fornecendo produtos compreensíveis, seja com base em depoimentos pessoais, documentos ou relatórios de fontes, pode-se ver a verdade em suas referências; a interpretação de dados e fatos está mais próxima dos fatos, e chama atenção especial ao impacto dessa explicação na vida das pessoas. Espera-se também que o caminho para a obtenção de notícias seja o mais correto, o método de investigação seja legal e os princípios éticos de obtenção de informações não sejam atropelados pelo sempre duvidoso interesse público e não pelo interesse público.

Muitas vezes, ao ler, ouvir ou ver uma reportagem jornalística, o consumidor acredita que, após a atuação profissional, há preocupações com leis, normas que dão espaço e amparam a liberdade de mídia, mas que impõem restrições à liberdade de expressão, para este último é um grande obstáculo: o respeito pelo indivíduo. O público acredita que o produto do jornalismo não é uma criação aleatória, um mito, que as palavras são reais e que a reportagem é uma passagem direta e precisa da verdade; e que o jornalista usa sua habilidade técnica para reconstruir a história da maneira mais honesta e responsável possível.

Faz isso primeiro por meio de um processo de descoberta de fatos, para depois selecionar o que julga mais importante, no uso de recursos simbólicos para permitir a compreensão e, em última instância, no processo de sua disseminação e disseminação. a relação de confiança , o contrato de promessa é regida pelas práticas éticas do jornalista, gerador de lealdade e impulsionador. É um acordo que não deve quebrar. Bilbeny destaca: “Se a mídia tem o direito, ela tem o poder de decidir e decidir o que dizer, e somente porque a troca deve informar a mídia de forma firme e livre sobre o que o público está interessado” (IBILBENY, 2012 , p. 51).

É um trabalho de ética que permite a união duradoura entre a mídia e seu público e faz do jornalismo, como meio de conhecimento (PARK, 1966), um saber

único (GENRO FILHO, 1987), para cumprir sua missão. Especificamente porque as informações que ele fornece não devem (ou devem) ser fotografadas e modificadas para se adequar à mídia e aos limites temporários da mídia. Ou então, é motivado apenas pelos interesses de partidos políticos e econômicos, a menos que se trate de um fato grave, baseado no debate e na oposição. E os princípios éticos do jornalismo permitem uma luta contínua contra essas pressões que exploram a credibilidade do jornalismo e o contrato de crença na filiação partidária na sociedade. A luta entre seus limites e seu cumprimento, destaca Karam:

Os limites do cotidiano, no jornalismo, continuam sendo o conflito entre a possibilidade da ética e a complexidade da aplicação dos princípios, cujo equivalente sempre existe a organização moral. Porém, é neste ponto que a questão da publicação e da prática requer uma ponte sólida e as condições para o trabalho de determinado jornalista, lidando com problemas, dúvidas e a necessidade de escolher o melhor curso para o seu trabalho”(KARAM, 2014 , p. 52-55)

Para ele, os dois são mediadores das relações interpessoais e do estabelecimento de normas que construam seres humanos mais livres e estáveis. Os valores morais exigem pessoal e social liberdade e condições de injustiça (GUARESCHI, 2000).

Outras relações humanas são dar uma explicação do discurso jurídico e ético, segundo Karam (2014, p. 28), porque estão vinculadas a um compromisso compartilhado, e as relações humanas, produzidas na sociedade, levam ao reconhecimento da autonomia e ao compromisso com a soberania de todos os outros. Na teoria da relatividade, Vásquez (2008) enfatiza que a ética é uma ciência moral. É também conceitual e, segundo o autor, uma descrição, uma investigação do tipo de experiência e do comportamento humano do comportamento percebido, porém, inteiramente e sua diversidade. Sua função é definir um caráter funcional, essas características pessoais e hábitos de tempo e espaço. “O valor dos valores éticos como teoria reside no que ela define e não em colocá-la ou enaltecê-la com o intuito de fazer algo em situações práticas ”(VÁSQUEZ, 2008, pp. 20-21). Não pode, segundo ele, ser reduzido a um conjunto de regras e regulamentos mesmo que esteja em uma posição teórica (VÁSQUEZ, 2008, p. 24). Em Cornu (1994, p. 37) a ética cumpre uma função reguladora declarada pela própria comunidade e a ética desempenha uma função legítima na investigação de suas práticas. Cornu (1994) também destaca que, ao final da Primeira Guerra Mundial, a consciência da

necessidade de melhor integrar as condições de trabalho e as regras do jornalismo se fortaleceu na Europa.

No Brasil, destaca-se pesquisa de Christofolletti (2007), que afirma que no início do século 20, os jornalistas começaram a se organizar como profissão e a se preocupar com programas de salvamento de valores. Os códigos aplicáveis em alguns países ainda estavam sendo discutidos, sem especificações concretas ainda. “O primeiro código de conduta do Brasil surgiu em fevereiro de 1949, promovido pela Federação Nacional dos Jornalistas, FENAJ - Instituída em 1946 - e aprovado pelo terceiro Congresso Nacional de Salvador” (SÁ, 1999).

Com o passar dos anos, o código de ética dos jornalistas foi sendo alterado, outras políticas surgiram na representação profissional e, segundo a autora Adísia Sá, em 1987 os sindicatos foram alterados para seguir as novas diretrizes do Código de Ética Brasileiro. Este documento é acompanhado por transcrições de outras práticas de organizações internacionais, como a UNESCO e a Federação Internacional de Jornalistas.

Quando se trata de direito, moralidade e ética não se limitam a evidenciar os limites do serviço público e do jornalismo. Pelo contrário, significa que lhes é possível intervir no futuro da sociedade humana (KARAM, 2014, página 31). O autor lembra que esse direito (informação) não poderia ser amparado apenas no mercado, político ou pessoal, mas também na multiplicidade e diversidade de palavras, fontes, detidas pela mídia. E eles não podem sobreviver sem compromisso profissional com a moralidade, sob todas as circunstâncias, pressões e fatos. Talvez esta afirmação pareça sem sentido. Mas esta é uma época em que o jornalismo tecnológico não pode ser aberto para não correr o risco de cair na descrença. O duelo e a resistência serão eternos, portanto não há um bom momento para “relaxar” no ensino, na prática ou na pesquisa. Vale ressaltar que quando falamos em direito à informação, é informação verdadeira, como adverte Cornu (1994, p. 75). Caso contrário, é falso e não pode fazer nenhum trabalho de justiça. Como primeiro passo para evitar essa prática, Aznar Gómez (2004, pp. 2-10) afirma que os jornalistas devem estar cientes dos valores e normas da profissão e estar atentos às consequências de suas ações.

Assim, a partir dessas informações, poderão atender, individualmente ou em grupo, as demandas impostas sobre questões econômicas / comerciais e técnicas e serão tratados como tal. Segundo ele, o técnico deve conhecer o conteúdo e o

espírito de seus códigos, mas também exercer o poder judiciário para utilizá-los e, se necessário, adaptá-los às circunstâncias específicas de uma determinada situação. Códigos podem ser evitados - na prática - a necessidade de os profissionais considerarem as circunstâncias de cada situação em que se inserem. São eles que elaboram o código e simplificam as orientações gerais que um especialista deve fazer nesses casos e que servem de guia (AZNAR GOMÉZ, 2005, pp. 4-5).

Ao discutir as virtudes da deontologia do jornalismo, Cornu (1994, p. 116) aponta uma série de problemas que acabam de alguma forma reduzindo os códigos como guia de hábitos. E, novamente, isso enfraquece o trabalho. Segundo o autor, embora existam semelhanças entre a proteção da verdade e a liberdade, a diversidade de normas é muito grande, familiarizada com os sistemas de informação de cada país. Ele lembra ainda que em muitos lugares não existem agências reguladoras ou qualquer tipo de penalidade declarada por especialistas com base em códigos, que não têm valor jurídico. Só "pesa" nos votos das cartas de proibição pública. Em outras palavras, os controles não estão sujeitos às suas regras.

Segundo Karam (2014), os códigos deontológicos são apenas indicativos do desenvolvimento contínuo da prática tecnológica, como novos problemas e atitudes. "É mais um eixo que direciona a prática da arte, tanto o cumprimento quanto a negação da meta" (KARAM, 2014, p. 60). Por outro lado, o que é trabalho sem leis, sem poder de autoridade? Não precisa de corrimão? Os códigos desempenham um papel importante para garantir as melhores informações e, de alguma forma, exigem dos profissionais.

Ao estabelecer um código de conduta, ele salva a liberdade de expressão e, de certa forma, protege os jornalistas das pressões que, se não forem controladas, podem levar a decisões que precisam ser tomadas diariamente. É uma linha, um guia, respeitado, que evita desvios irreversíveis do trabalho profissional de um jornalista, movido pela verdade, liberdade e dignidade, questões que moldam a ética e a justiça. Essa afirmação nos remete ao importante conceito de "busca da verdade" no jornalismo, que existe de forma unânime (CORNU, 1994, p. 116) nos códigos e é incluído como um código de ética para o jornalismo.

Cornu (1994, p. 100) nos lembra que o jornalismo (conhecimento), como a ciência, não pode ficar sozinho na conquista da verdade absoluta, que pode vir acompanhada de uma ideologia forte e ditatorial. Segundo ele, todas as

reivindicações de jornalismo autêntico estão sob escrutínio ambiental: todas as fontes de informação no jornalismo: cultura, raciocínio, visualização ou qualquer outra fonte, como prova, podem ser confiáveis, aceitáveis, especulativas, mas sem autoridade irrefutável. A falta desse fato, então, é a “desnaturalização” e a “descontextualização” de imagens e fotografias, citações abreviadas e conversas, confusão expressa por comentários irreverentes. Segundo ele, “[...] é certo que a verdade está na forma da própria informação, sem a qual, a falsidade ou a propaganda, que é a primeira forma de propaganda. Porém, nunca foi perfeito em sua retórica jornalística” (CORNU, 1994, p. 116). Ele escreve que a posição do jornalista decide neste estudo, mesmo que seja explicitada, na busca real da reportagem, porque a verdade se coloca como situação comum e crítica sob a veracidade dos fatos, da justiça e dos julgamentos proferidos por um especialista no processo de tradução e autenticidade. Ou seja, a resistência dos jornalistas às pressões. “Pressão do meio social, em decorrência da fusão, pressão do sistema de mídia, aplicação de ordem restritiva de informação e implantação de processos comerciais, pressão de velocidade” (CORNU, 1994, p. 432). Quanto à verdade, no que agora é chamado de pós-verdade, quando as crenças e paixões são mais importantes do que os fatos, Bilbeny nos alerta sobre seu poder:

Bilbeny ressalta que a realidade do jornalismo é sempre mais ampla do que é porque é definitivamente fruto da rapidez, da compreensão geral e de uma linha clara de tradução e tudo isso torna o trabalho de busca difícil, mas importante. “Como Hannah Arendt aponta, a realidade independente do observador não existe, mas eles não toleram a distinção óbvia entre o que está presente e o que é falso” (BILBENY, 2012, p. 82). E buscar compreender essa realidade factual que coloca o caráter da comunicação jornalística à frente dos problemas. Um deles é a tensão entre a dificuldade dos jornalistas e a compreensão dos fatos e reportagens.

Os jornalistas devem se fazer entender para seus ouvintes, mas por outro lado, para tornar a história compreensível para o público, eles não devem se comprometer com o evento. A nitidez extrema (compreensível apenas por especialistas) também pode tornar o texto ininteligível. Mas a completa ausência de complexidade, para que o texto possa ser compreendido pelo leitor, pode distorcer o acontecimento. Às vezes, porém, os próprios jornalistas podem rejeitar deliberadamente a verdade. O que acontece quando um jornalista tem que escolher entre dois valores conflitantes? O que acontece quando o problema de um jornalista

é defender a verdade ou seu país? Quando os interesses do Estado são impostos, o código de conduta é definido. Ou seja: a primeira vítima das guerras é a liberdade de expressão.

3. CONTEXTUALIZAÇÃO

3.1 Catástrofes

Amaral (2013) cita Lozano Ascêncio (2002) para exprimir a visão sobre o tema: “a catástrofe subverte a ordem e o relato da catástrofe estabiliza a ordem.” A ideia é complementada com “uma catástrofe só existe se destrói” (Lozano Ascêncio 2002). Delevati (2012) também lembra o autor para explicar que “[...] o que diferencia um acontecimento catastrófico de um não catastrófico seria a maneira como os sujeitos percebem e referenciam o acontecimento que mexe com sua estabilidade habitual” (DELEVATI, 2012, p. 49).

A desorganização da ordem normal provocada pela catástrofe atinge toda a sociedade que, de alguma maneira, está envolvida no fato. O conceito de catástrofe está associado ao de desastre, podendo ser natural, como um tsunami, ou provocado pelo homem, como uma guerra, por exemplo. Já o termo tragédia, embora também possa estar associado com uma catástrofe, refere-se, normalmente, a um crime passional ou a um acontecimento com numerosas vítimas.

3.2 Tragédia

O termo tragédia está relacionado ao significado de catástrofe, porém, o que diferencia um do outro é que o primeiro refere-se a um grande número de vítimas, seja em um crime passional ou acontecimento, enquanto o segundo “[...] seria a maneira como os sujeitos percebem e referenciam o acontecimento que mexe com sua estabilidade habitual” (DELEVATI, 2012, p. 49).

Definindo tragédia como uma forma de desastre em menor escala, Ted White alerta para a dificuldade desse tipo de cobertura para os repórteres:

[...] costumam ser mais difíceis de cobrir que desastres em grande escala porque se tornam mais pessoais. [...] Repórteres podem chorar, e algumas vezes o fazem - sozinhos. Eles devem, no entanto, cobrir tais matérias da

forma menos emocional possível e partir para a próxima. (WHITE, 2008, p.209).

Repórteres, editores, fotojornalistas e equipes de notícias estão envolvidos na cobertura de muitas tragédias durante suas vidas. Eles variam de guerras a ataques terroristas a quedas de aviões, desastres naturais, disparos a assassinatos. Todos tendo vítimas, todos afetando suas comunidades, tudo isso criando memórias duradouras.

Os jornalistas enfrentam desafios incomuns ao cobrir tragédias violentas ou em massa. Eles interagem com as vítimas lidando com uma dor extraordinária. Os jornalistas que cobrem qualquer surra de “sangue e tripas” muitas vezes constroem uma barreira profissional necessária e apropriada entre eles e os sobreviventes e outras testemunhas que entrevistam. Mas depois de sentar e conversar com pessoas que sofreram grandes perdas, a mesma parede pode impedir a necessidade dos jornalistas de reagir à sua própria exposição à tragédia. Al Tompkins, do Poynter Institute for Media Studies, escreveu o seguinte para o jornal Poynter.org em 15 de setembro de 2001:

Repórteres, fotojornalistas, engenheiros e produtores de campo costumam trabalhar lado a lado com os trabalhadores de emergência. Os sintomas de estresse traumático dos jornalistas são notavelmente semelhantes aos dos policiais e bombeiros que trabalham imediatamente após a tragédia, mas os jornalistas normalmente recebem apoio depois de apresentarem suas histórias. Enquanto os funcionários de segurança pública recebem acolhimento e conselhos após um trauma, os jornalistas normalmente recebem outra história. (AL TOMPKINS, 2001)

3.3 Trauma e violência

O trauma e o seu impacto são tão antigos como a própria humanidade. Se os seres humanos não fossem tão excepcionalmente bons em lidar e se recuperar do trauma, nunca teríamos provavelmente sobrevivido nem evoluído como espécie. As respostas ao trauma estão escritas nos nossos códigos genético e biológico – e nisso, os jornalistas não são diferentes dos outros mortais. As tradicionais fantasias sobre a suposta invulnerabilidade do jornalista e a sua capacidade de desapego objetivo são apenas isso – uma fantasia. O trauma atinge também os jornalistas, que têm especial necessidade de compreender a dor dos outros.

Peres, Mercante e Nasello (2005) explicam em “Promovendo resiliência em vítimas de trauma psicológico”, publicado pela *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, que a palavra trauma significa lesão causada por um agente externo. “Esse conceito migrou ao campo psicológico, e, conseqüentemente, supõe-se com frequência que um trauma ocorre quando as defesas psicológicas naturais são transgredidas” (PERES,2005, p. 133). Ou seja, o trauma é um dano emocional que ocorre em decorrência de uma experiência que causa uma dor muito intensa, e traz sofrimentos emocionais.

O trauma e a sua experiência são um elemento fundamental da condição humana. Tal como notou recentemente o Conselho Mundial das Igrejas no seu relatório *A Decade to Overcome Violence* (MAVUNDUSE & OXLEY, 2002):

1. A Violência repele-nós, mas também nos atrai;
2. A Violência alarma-nós, mas também nos entretém;
3. A Violência destrói-nos, mas também nos protege.

Rodrigues e Gonçalves (2004), esclarecem que todo o indivíduo nasce com sistemas defensivos que se tornam as barreiras para que traumas psicológicos não se instalem, entretanto, quando ainda criança a pessoa passa por algum problema na plataforma das emoções, acaba prejudicando essa estabilidade. Se indivíduo quando adulto passar por um novo trauma a força com que será atingido será duas vezes maior.

Os eventos traumáticos são lembrados repetidas vezes na mente de quem sofreu o trauma. “O indivíduo testemunhou alguma coisa além da experiência humana comum, a qual seria muito difícil para qualquer pessoa. Esse fato pode ser uma séria ameaça contra sua vida, sua integridade física ou psíquica” (GUEDES, 2003, p.49).

Karina Gomes e André Luís Carvalho citam Groth no artigo “Narrativas do trauma no jornalismo local: o rompimento da barragem da Samarco em Mariana” para explicar a questão do agora na atividade jornalística. Segundo eles, “[...] como processo cultural-social eternamente presentificado, que se articula na relação entre organizações formais e coletividades (GROTH, 2011), o jornalismo, por meio de seus canais de difusão, se configura como modalidade narrativa do presente (do que é atual) que ajuda a dar sentido ao mundo, mas também auxilia no processo de ‘normalização’ do evento traumático” (BARBOSA e CARVALHO, 2016, p.23). Ainda

nesse artigo, os autores se referem às enumerações de Mark H. Massé para apontar a atuação dos jornalistas em evento traumático:

Há séculos, jornalistas em todo o mundo têm arriscado saúde, segurança e vidas ao cobrir conflitos, tragédias e traumas. Eles se tornaram testemunhas da violência, destruição e perda para que seus públicos possam ser informados, esclarecidos ou chamados à ação. Quando o desastre acontece, jornalistas frequentemente são os primeiros respondentes, em alguns casos chegando à cena antes de agentes da lei, bombeiros, pessoal médico ou forças militares. Repórteres, fotógrafos, cinegrafistas e outros profissionais da imprensa exploram as duras realidades da guerra, genocídios, terrorismo, crimes, catástrofes e acidentes, documentando suas observações e experiências (MASSÉ, 2011, pp. 1-2).

Depressão, ansiedade, problemas de relacionamento, abuso de drogas ou álcool são consequências muito prováveis para quem vivencia um trauma profundo. Pode também acontecer o oposto, pois a experiência do trauma pode, a longo prazo, suscitar uma maturação pessoal e uma recuperação total. Daqui provém o termo “maturidade pós-traumática” (*post-traumatic growth*). O diagnóstico de TEPT (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2003) não deixa de ser um diagnóstico útil de sensibilização da sociedade para a realidade das respostas de stress pós-traumático à tragédia e ao desastre; e a importância de tratar e apoiar as vítimas e os sobreviventes.

Os jornalistas e os meios de comunicação enfrentam um dilema: como refletir sobre os acontecimentos e ao mesmo tempo a realidade da violência, sem as trivializar ou sensacionalizar, ou misturar de forma gratuita a dor em que já incorreram as vítimas do trauma. Mais do que nunca, o jornalismo tem perante si próprio a responsabilidade profunda de procurar entender a violência e o trauma, e de ajudar a humanidade a perceber e nomear as suas causas e consequências. É tempo de mudar o entendimento e a consciência do jornalismo do trauma, e o trauma do jornalista (SILVA, 2017).

4. MEMÓRIA DO TRABALHO

O primeiro passo para produzir a reportagem Por trás das câmeras foi estabelecer linhas de abordagem e criar um roteiro para, somente assim, entrar em contato com os entrevistados.

Existiam inúmeras possibilidades de angulações para a reportagem, por isso busquei focar nos relatos de profissionais da comunicação que trabalharam na cobertura de conflitos ou na edição das reportagens. Selecionei, então, questionamentos acerca dos desafios enfrentados por esses profissionais em meio a cobertura de conflitos que, na minha concepção, merecem ser esclarecidos e de certa forma humanizados perante ao público.

É importante ressaltar que o produto aqui apresentado se trata de uma reportagem, não é uma *grande reportagem*. Assim, suas dimensões são mais restritas e sua publicação é pensada para compor um jornal de notícias, não um programa voltado apenas a uma reportagem.

A seguir, a pauta da reportagem, feita com o objetivo de tornar mais clara a estruturação do produto antes de escrever o roteiro:

DATA	9 de agosto 2021
RETRANCA	JORNALISTAS E A COBERTURA DE TRAGÉDIAS
TEMAS	Cobertura de conflitos; carreira; jornalismo; saúde mental;
ENFOQUE	Irei entrevistar jornalistas, cinegrafistas e editores que cobrem ou cobriram acontecimentos trágicos para saber como é ou era a rotina produtiva de cada um deles e de que maneira eles lidam com a cobertura trágica quando está acontecendo e depois que acontece. Entender o que motiva os profissionais a enfrentarem tantos desafios e emoções em nome da profissão e se eles se sentem valorizados na categoria.
QUESTÕES	Como os profissionais lidam com o emocional durante a cobertura diária de tragédias?

	<p>Quais histórias marcaram a carreira e a vida desses profissionais?</p> <p>Como é a rotina produtiva?</p> <p>Como deve ser feita a abordagem e tratamento de uma reportagem trágica?</p> <p>Existe trauma, medo ou fobia que surgiu após alguma cobertura trágica?</p> <p>Procuram apoio psicológico?</p> <p>Continuam cobrindo tragédias?</p> <p>Qual é a importância do jornalismo na visão do jornalista?</p>
--	--

Tabela 1: Pauta da reportagem. Fonte: elaboração própria.

4.1 Produção

Com o roteiro criado e a ajuda das redes sociais, comecei a contatar e convidar profissionais da comunicação que já trabalharam em alguma cobertura trágica no Brasil e no mundo.

Os primeiros contatos com os profissionais de imprensa aconteceram ainda em 2019 quando realizei o pré-projeto e pude entrevistar o jornalista e escritor Lourival Sant'anna. De início, optei por procurar mais jornalistas que cobriam guerras e conflitos internacionais. Dos procurados, aceitaram participar: Rodrigo Guimarães Lopes, colunista de assuntos internacionais (*Jornal Zero Hora*) e Lourival Sant'anna repórter de televisão (*CNN Brasil*). Entrevistei também profissionais que cobrem ou já cobriram cidades ou jornalismo policial. Dos procurados aceitaram participar: Danilton Portela, repórter cinematográfico (RECORD), Thiago Oliveira editor (UnBTV) e Kátia Gomes, repórter de televisão (SBT e TV STJ). Decidi também entrevistar Ailton Sousa, psicólogo, para entender qual seria a melhor maneira de exercer a profissão sem desistir, adoecer ou acabar correndo mais riscos que o necessário.

Vale ressaltar que as ferramentas digitais foram de grande importância para conseguir o contato dos entrevistados, além de facilitar geograficamente falando, todas as entrevistas.

Para gravar cada reportagem utilizei a ferramenta de gravação gratuita disponível nas plataformas Microsoft Teams e Google Meet que permite que videochamada seja gravada e salva no computador e para assegurar que a gravação estava sendo feita, apoiei uma câmera no tripé em direção ao entrevistado para gravar durante a entrevista, essas imagens serviram tanto de apoio para offs, quanto como de apoio para a entrevista da Kátia Gomes, que por problemas técnicos acabou não ficando salva no computador.

Uma dificuldade encontrada para a produção dessa reportagem, foi a dificuldade de padronizar a qualidade da imagem das entrevistas, pois como as entrevistas foram realizadas a distância, cada entrevistado possuía diferentes equipamentos e condições para apoiar a câmera. A entrevista com o editor Thiago Oliveira por exemplo ficou extremamente embaçada devido a um problema na webcam do editor, enviei as perguntas ao entrevistado que regravou a entrevista com sua própria câmera, respondendo as perguntas feitas anteriormente e a entrevista com o psicólogo Ailton Souza foi feita com o celular do entrevistado na posição vertical (posição que deixa o vídeo centralizado, com bordas pretas nas laterais), pois o mesmo não tinha condições de apoiar o celular na horizontal (posição mais indicada para realizar vídeos televisivos).

A edição de imagens e som de toda a reportagem foi feita no programa Wondershare Filmora 9, pela autora. A primeira versão foi apresentada à orientadora no dia 4 de novembro, que pediu para que fossem feitas algumas alterações para então aprovar a versão final.

4.2 Apuração

Listei algumas perguntas-chaves para realizar as entrevistas. Todas as perguntas foram escolhidas de acordo com o perfil e carreira de cada profissional da comunicação acerca das experiências trágicas da qual eles presenciaram ou foram expostos durante o trabalho. Muitas foram elaboradas conforme o desenrolar das entrevistas. Vale ressaltar que as listas de perguntas têm tamanhos distintos devido

às agendas mais ou menos apertadas dos entrevistados. A seguir as pautas de cada uma das entrevistas:

1. **Danilton Portela**, repórter Cinematográfico, Record

- A. Qual é a sua área de formação e atual emprego?
- B. Quando foi a sua primeira cobertura trágica e como você lidou com as cenas registradas nesse dia?
- C. Como é ou era seu ambiente de trabalho e a rotina de produção?
- D. Como você passou a lidar com o seu emocional filmando e presenciando cenas tão impactantes com o passar do tempo?
- E. Você sente que alguma história te marcou ao ponto de causar algum medo, trauma ou fobia?
- F. Você já colocou sua vida em risco, ou se machucou fazendo alguma reportagem?
- G. Quando você chega em uma situação trágica como você decide o que filmar, e como filmar?

2. **Thiago Oliveira**, editor, UnBTV

- A. Você trabalhou na Record como editor durante 6 anos recebendo e editando reportagens de conflito, gostaria de saber como você se sentia no início?
- B. Como era sua rotina de produção, você edita em média quantas matérias por dia?
- C. Quais são os cuidados que se deve tomar em uma cobertura de tragédia?
- D. Como lidava com seu emocional tratando imagens e histórias tão impactantes?
- E. Você sente que alguma história te impactou ao ponto de causar algum medo, trauma ou fobia?
- F. Sentiu que no período em que trabalhou nessa área você fazia uso mais exagerado de algum medicamento, bebida, cigarro ou outras substâncias?
- G. Como um acusado deve ser mencionado para que a reportagem esteja dentro dos padrões éticos?
- H. Como você se sente hoje em dia em relação a essa experiência e qual conselho deixaria para os futuros editores?

3. **Katia Gomes**, repórter de televisão, SBT

- A. Quando foi a sua primeira cobertura trágica e como você lidou reportando a situação?
- B. Como era seu ambiente de trabalho e rotina produtiva?
- C. Sente que alguma história te impactou ao ponto de causar algum medo, trauma ou fobia?
- D. Foi você que decidiu sair da Record? Por quais motivos?
- E. A pandemia também é uma tragédia, como está sendo trabalhar nesse período?
- F. Como você se sente hoje em dia em relação a essa experiência e qual conselho deixaria para os futuros repórteres de tragédias e conflitos?

4. **Rodrigo Lopes**, colunista de assuntos internacionais do *Jornal Zero Hora*

- A. Como foi a experiência de reportar a guerra entre Israel e Hezbollah pelos dois lados do front?
- B. Como deve ser feita a abordagem e tratamento de uma reportagem trágica?
- C. Se arrependeu de ter se colocado em algum lugar perigoso demais?
- D. Como você lida com o seu emocional durante uma cobertura trágica?
- E. Qual é a importância do jornalismo para você?

5. **Ailton Sousa**, psicólogo da Secretaria de Justiça e Cidadania do Distrito Federal.

- A. Existe alguma explicação clínica para os profissionais que colocam o seu bem-estar e até mesmo sua vida em risco pelo trabalho?
- B. Os jornalistas e produtores presenciam diariamente muitas tragédias e situações em que colocam a própria vida em risco. De que maneira esses profissionais podem exercer a profissão com menos abalos psicológicos?
- C. O que é o estresse pós-traumático? Como pode ser tratado?

6. **Lourival Sant'anna**, Jornalista e analista de assuntos internacionais da CNN Brasil

- A. Cobrir tragédias gera traumas... como você lida com isso?
- B. Como é depois lidar com tudo o que você viu e passou?
- C. Qual foi o momento mais marcante da sua carreira cobrindo guerras?
- D. Quando você decidiu que queria cobrir guerras?

A entrevista com o jornalista Lourival Sant'anna é a única presencial, pois foi feita antes do início da pandemia no Brasil. Ela foi feita no dia do lançamento do livro *Minha Guerra contra o medo*, em 2019, de autoria do jornalista. Todas as outras entrevistas para realizar a reportagem *Por trás das câmeras*, foram feitas a distância, devido às restrições impostas pela pandemia do novo coronavírus. Assim como vários programas jornalísticos e veículos on-line fizeram durante o surto do novo coronavírus, recorreu-se aqui a plataformas de videoconferência, mais especificamente o Google meet e o Teams, para superar a impossibilidade da gravação presencial e, por fim, concebeu-se o produto.

Devido a um problema técnico, a entrevista com a jornalista Kátia Gomes que foi gravada na plataforma Teams, não ficou salva e por isso tive que utilizar a gravação feita pela câmera externa que ficou gravando a entrevista transmitida na televisão do início ao fim.

A seguir, o cronograma de marcação das entrevistas e a duração da gravação dos arquivos extraídos do Google meet e Teams:

Entrevistado	Data	Duração
Ailton Santos	01/10/2021	18 min
Danilton Portela	08/09/2021	31 min
Kátia Gomes	22/08/2021	29 min
Lourival Sant'anna	25/09/2019	15 min
Rodrigo Lopes	14/09/2021	38 min
Thiago Oliveira	18/10/2021	32 min

Tabela 2: Cronograma de entrevistas. Fonte: elaboração própria.

Além das entrevistas, outra parte que compôs a apuração foi a busca por imagens de arquivo para cobrir os offs. Foi preciso realizar uma vasta busca de reportagens que envolviam guerras e desastres, para completar as entrevistas realizadas via Google Meet e Teams. Todas as imagens foram retiradas do YouTube, mais especificamente de canais de veículos jornalísticos da plataforma, como: Record, CNN e TV Brasil.

Outra estratégia utilizada para ampliar a cartela de imagens que fugissem da captação de depoimentos por Google Meet e Teams, foi o uso de uma TV e câmera externa, que ficou apoiada em um tripé gravando toda a entrevista.



Figura 1 — Trecho da reportagem utilizando câmera externa. Fonte: a autora.

A ideia de realizar uma passagem ao lado de um espelho e saindo de trás da câmera, surgiu depois de decidir o nome da reportagem: *Por trás das câmeras*. Pensei em fazer uma aparição que combinasse com o título da reportagem para criar uma ideia de movimento e revelação do que está nos bastidores e fugir do convencional.



Figura 2 — Trecho da passagem que deixa câmera e espelho aparente. Fonte: a autora.

4.3 Pós-Produção

Toda a reportagem foi produzida, gravada e editada pela autora deste memorial, Natália Alves Bezerra. O programa de edição de imagem e vídeo utilizado foi o Wondershare Filmora. Nele foi possível decupar, cortar, criar a vinheta e creditar a reportagem.

A identidade visual da reportagem também foi idealizada e executada pela autora do projeto. Buscou-se transmitir a ideia dos bastidores de um programa de edição de imagens e vídeo, com a paleta de cores, composta por tons de azul, branco e vermelho. Eis a sequência de cores utilizada:

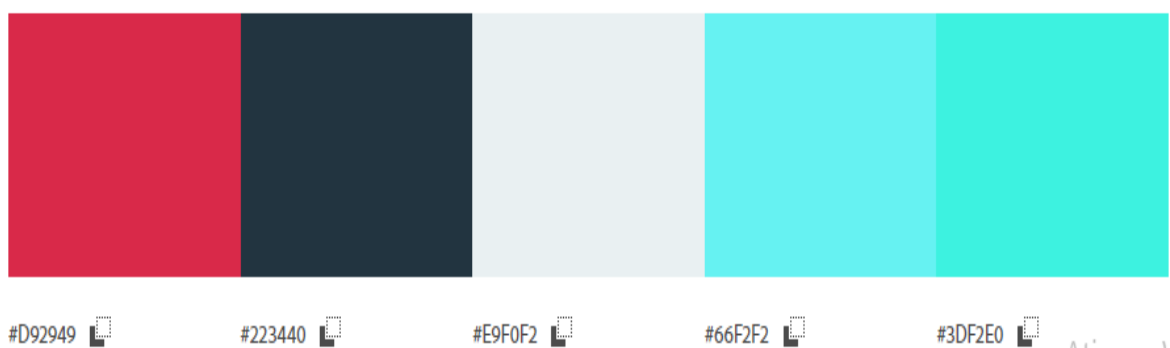


Figura 3 — Paleta de Cores utilizada na reportagem *Por trás das Câmeras*. Fonte: Adobe Color.

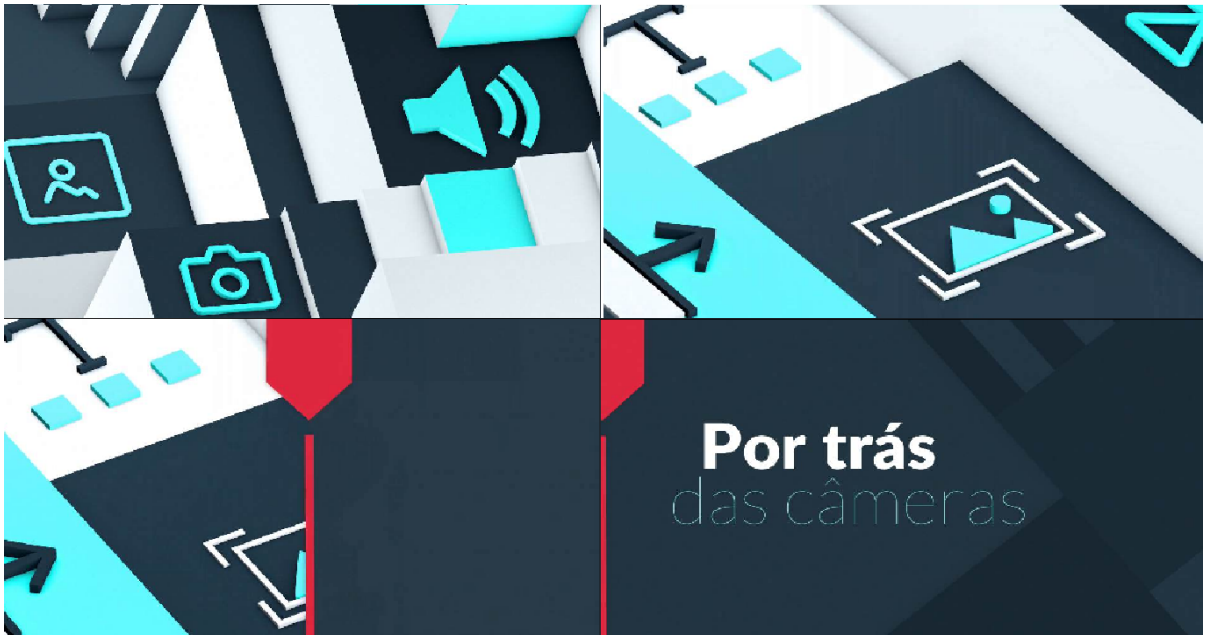


Figura 4 — Sequência de Frames da abertura de *Por trás das Câmeras*. Fonte: a autora.



Figura 5 — Frame com texto da abertura de *Por trás das Câmeras*. Fonte: a autora.

A fonte utilizada na reportagem e nas publicações adicionais foi a Lato, cuja família tipográfica está exibida na imagem a seguir:

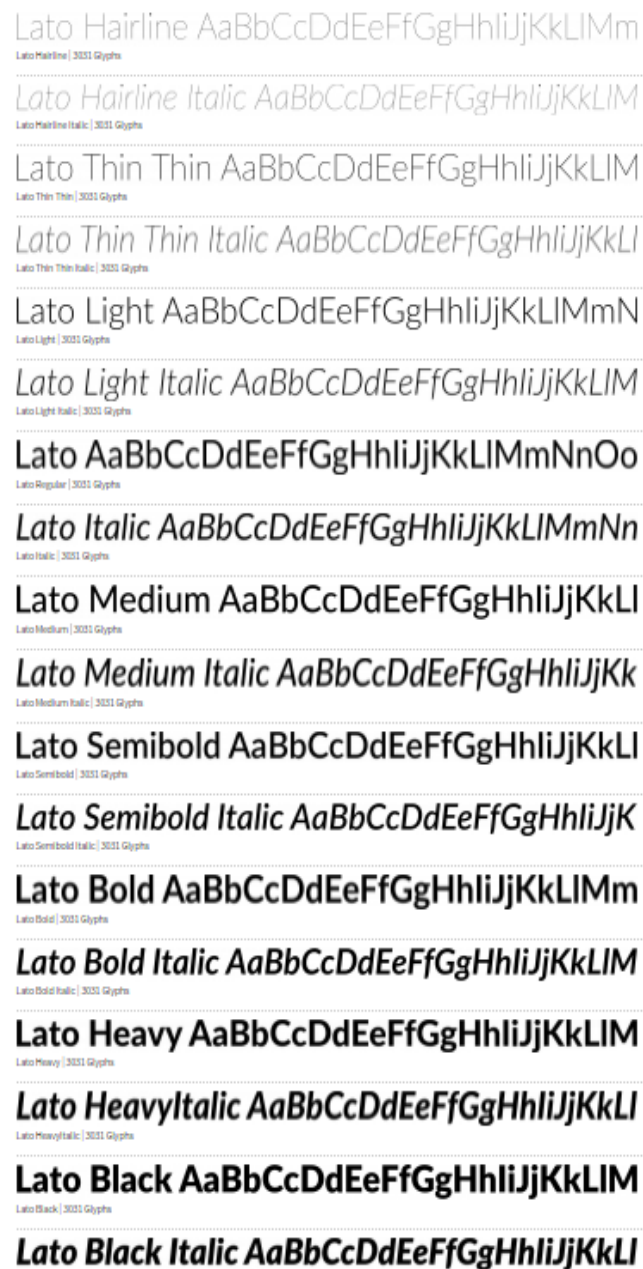


Figura 6 — Família tipográfica Lato. Fonte: Site FontSquirrel.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na perspectiva de um fazer jornalístico que encontra raízes tanto nas demandas de mercado, quanto na função social que norteia uma certa maneira de compreender o papel do jornalista na sociedade, acredito que é possível olhar para a prática da reportagem como uma instância de diálogo entre o desejo de ocupar o lugar de denúncias dos problemas por parte dos jornalistas e o anseio de ter acesso a essas denúncias, por parte do público.

O jornalismo e a cobertura de tragédias tem uma gama de fatores que precisam de atenção, sejam técnicos, operacionais, éticos e estéticos. Cabe ao jornalista muitas vezes acompanhar situações de violência, abusivas, narrar fatos e expor as situações vividas de seus personagens para o público, sobre uma pressão interna, devido aos seus próprios sentimentos e externas, por parte das circunstâncias, da empresa e do público que consome o jornal. Dessa forma, essa reportagem propõe um olhar sobre os jornalistas como parte dessas situações trágicas desmistificando o lado heróico para revelar o lado humano desses profissionais.

Se faz necessário reconhecer que jornalistas estão frequentemente expostos às circunstâncias de grandes impactos emocionais, em nome do direito à informação e merece ser reconhecido, respeitado e receber um olhar mais humano por parte de quem está assistindo, ouvindo ou lendo esse conteúdo, para o fortalecimento da comunicação ética, verídica e factual.

A produção deste trabalho foi uma experiência sem dúvida muito marcante para mim, foi uma jornada de produção, apuração e edição solo, a qual agregou diversos ensinamentos e aprendizados ao meu repertório como jornalista e me fez encarar com determinação os desafios da minha área de atuação.

O projeto será exibido no YouTube, para que o trabalho acadêmico tome novas dimensões e chegue a todos os indivíduos que utilizam internet, ultrapassando as fronteiras do ambiente acadêmico. Como uma forma de reforçar a importância de publicar conteúdos jornalísticos em plataformas online, tornando o acesso prático e dinâmico.

Por meio da reportagem *Por trás das câmeras*, é possível perceber que o jornalismo é, sim, essencial, pois a cobertura tensa e arriscada de tragédias só cabe a uma equipe de reportagem com profissionais responsáveis e capacitados psicologicamente.

O que se espera daqui para frente é a valorização contínua do jornalismo profissional, ético e responsável, o respeito dos governantes e da sociedade para com os jornalistas. Com a produção da reportagem, senti falta de mais presença feminina na área de conflito e considero importante destacar que jornalista é um contador de histórias independente de gênero, os riscos da cobertura internacional são iguais para ambos os sexos, por isso considero que a cobertura internacional de guerra deve ser ocupada por todas que desejam se aventurar na área sem distinção de gênero. O respaldo das empresas também deve garantir condições dignas de salário e de direitos e, cada vez mais, a defesa do bom jornalismo, levando em conta a valorização da atividade e assegurando a liberdade de expressão.

Por trás das câmeras, tornou-se realidade e pode ser acessado no YouTube, a partir do link <<https://youtu.be/9ewhj2q5gSs>>.

REFERÊNCIAS

ABREU, K. C. K; SILVA, R.S. **História e tecnologias da televisão**. In BOOC – Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. ISSN: 1646-3137. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/abreu-silva-historia-e-tecnologias-da-televisao.pdf>

Acesso em: 06 novembro 2021.

ALQUÉRES, Hubert. 2005. "Apresentação". In: José Marques de Melo (org.), **Imprensa brasileira: personagens que fizeram história**. 2 vols. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

AMARAL, Márcia Franz. **Os testemunhos na cobertura das catástrofes ambientais**. Anais do XX Encontro Anual da Compós. UFRGS: Porto Alegre, 2011.

AMERICAN Psychiatric Association (2003). **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, (DSM-IV-TR)**, quarta edição revista. Washington, D.C.: American Psychiatric Association.

AROSO, Inês. & SOUSA, Jorge Pedro, **Técnicas Jornalísticas nos meios electrónicos - princípios de radiojornalismo, telejornalismo e webjornalismo**, Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2003.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de telejornalismo: os segredos da notícia na TV**. 2. ed., rev. e atual. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BARBOSA, Karina Gomes e CARVALHO, André Luís. **Narrativas do trauma no jornalismo local: o rompimento da barragem em Samarco em Mariana**. Estudos em jornalismo e mídia, 2016.

BERGAMO, Alexandre. **Reportagem, memória e história no jornalismo brasileiro**. Mana [online]. 2011, vol.17, n.2, pp.233-269.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1985.

BILBENY, Nobert. **La defensa del interés público por medio de una información libre, veraz e justa**. Barcelona: Periodismo Activo 2, 2012.

BONNER, William. **Jornal Nacional: Modo de Fazer**, Editora Globo, 2009

BRUM, Eliane. **O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real**. 1 ed. São Paulo: Globo, 2008.

CARVALHO, Élvio da Silva. **Jornalismo de Guerra: O caso da Imprensa Portuguesa**. Tese (Mestrado em Jornalismo) - Instituto Artes e Letras, Universidade da Beira Interior, Covilhã. 2013.

CARVALHO, Lucas. **Jornalistas mulheres desafiam preconceitos em coberturas de guerras e regiões de conflito**. Disponível em http://www.portalimprensa.com.br/noticias/ultimas_noticias/71190/jornalistas+mulheres+desafiam+preconceitos+em+coberturas+de+guerras+e+regioes+de+conflito.

Acesso em 15 abr 2021.

CHARAUDEAU, Patrick. **Le discours d'information médiatique**. Paris: Nathan, 1997.

COELHO, Mário. **STF derruba obrigatoriedade de diploma para jornalista**. Observatório da Imprensa, 2009. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/stf-derruba-obrigatorieda-de-de-diploma-para-jornalistanbsp/>. Acesso em: 20 de nov. de 2019.

CORNU, Daniel. **Jornalismo e Verdade: para uma ética da informação**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

COUTINHO, Iluska e MATA, Jhonatan. **A atuação do repórter na cobertura televisiva de tragédias e o olhar do jornalista como testemunha do fato que enuncia**. Estudos em jornalismo e mídia, 2013.

CURRAN, James & SEATON, Jean, **Imprensa, Rádio e Televisão – poder sem responsabilidade**, Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

DELEVATI, Ananda. **Comunicação de risco e cobertura de desastres: o campo jornalístico e as fontes especializadas**. Dissertação de Mestrado (Comunicação). Universidade Federal de Santa Maria.

EMERIM, Cárilda. **O texto na reportagem de televisão**. XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Caxias do Sul: Intercom. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0879-1.pdf>.

Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA, RS, 2010

FARIA, Maria Alice de Oliveira e ZANCHETTA, Juvenal. **Para ler e fazer o jornal na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2002.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS – FENAJ. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. 2007. Disponível em: http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf. Acesso em: 20 ago. 2021.

FRANCESCHINI, F. **Notícia e reportagem: sutis diferenças**. *Comum*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 22, p. 144-155, 2004. Disponível em: <https://pibidportuguesunespar.files.wordpress.com/2013/03/4-notc3adcia-e-reportagem-sutc3ads-diferenc3a7as.pdf>. Acesso em: 25 out. 2021.

JORGE, Thais de Mendonça. **Manual do foca: guia de sobrevivência para jornalistas**. São Paulo: Contexto, 2008.

KARAM, Francisco. **A moral profissional e a ética jornalística**. UFSC, Florianópolis, 2009.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1987.

LOPES, Victor Silva, **Iniciação ao jornalismo audiovisual**, Lisboa: Quid Juris 1982.

MARTINS, Maura. **A perda da essência trágica na cobertura jornalística da queda do voo AF 447**. In: XXXII Congresso Brasileiro de Comunicação–Curitiba, Intercom. 2009.

MAVUNDUSE, Diana and Oxley, Simon (2002). **Why Violence? Why Not Peace?** Geneva: World Council of Churches.

NEVES, B. (2007). **A reportagem televisiva como gênero jornalístico; o caso TCV.** (Monografia). Universidade Jean Piaget.

PATERNOSTRO, Vera Iris. **O texto na TV: manual de telejornalismo.** 3 ed. São Paulo:Brasiliense, 1991.

PEARLMAN, LAURIE ANNE & MACIAN, PAULA S. (1995). "**Vicarious traumatization: an empirical study of the effects of trauma work on trauma therapists**", in Professional Psychology, Research and Practice, v26.

PORTUGUÊS. **Dicionário online.** Disponível em [<https://www.dicio.com.br/>](https://www.dicio.com.br/). Acesso em 18 nov. 2019.

RIBEIRO, Ana Paula & Brasiliense, Danielle Ramos. 2006. "**A matança dos inocentes': questões de memória e narrativa jornalística**". UNIrevista.

SÁ, Adísia. **O Jornalista brasileiro.** Fortaleza, Fundação Demócrito Rocha, 1999

SILVA, Luiz Martins da. **O jornalismo de trauma e o trauma do jornalismo.** V.7. Panorama, 2017.

SILVA, Magna Lúcia. **Gênero textual reportagem: Da produção jornalística à experiência escolar.** Dissertação de mestrado (Letras) da Universidade Federal Paraíba, 2004.

SILVA, P. H.; SILVA, M. B. N. **Notícia: a fluidez de um gênero.** In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA, 1., 2012, Uberlândia. Anais... Uberlândia: EDUFU, 2012. p.1-13. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/07/volume_2_artigo_249.pdf . Acesso em 1 de novembro de 2021.

SODRÉ, Muniz e FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística.** 5 ed. V 14. São Paulo: Summus, 1986.

SOUSA, Jorge Pedro, **Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e dos media,** Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2003.

SQUIRRA, Sebastião Carlos de Moraes (1995). **Aprender telejornalismo: produção e técnica**. 1a . Reimpressão. São Paulo: Brasiliense.

VÁSQUEZ. Alfredo Sanchez. Ética . Rio de Janeiro: Civilização Brasileiro,2008.
Verde Amarelo acaba com registro profissional de jornalista e publicitário.
Exame, 2019. Disponível em:
<https://exame.abril.com.br/brasil/verde-amarelo-acaba-com-registro-profissional-de-jornalista-e-publicitario/>. Acesso em: 20 de nov. de 2019

VIZEU, Alfredo. **Jornalismo e Paulo Freire: o conhecimento do desvelamento.**
Revista Famecos , Porto Alegre, nº 3, v. 21, 2014.

WHITE, Ted. **Jornalismo eletrônico: redação, reportagem e produção**. 4a. Ed.
São Paulo: Roca, 2008.

YORKE, Ivor. **Telejornalismo**. São Paulo: Roca, 2006.

APÊNDICE

IMAGENS	ÁUDIO
IMAGENS DE JORNALISTAS TRABALHANDO, MUNDO, GUERRAS, DESASTRES NATURAIS	OFF1 PARA MANTER A POPULAÇÃO BEM INFORMADA SOBRE O QUE ESTÁ ACONTECENDO NO BRASIL E NO MUNDO, JORNALISTAS, CINEGRAFISTAS E EDITORES TÊM ARRISCADO A SAÚDE, SEGURANÇA E ATÉ MESMO SUAS VIDAS PARA COBRIR CONFLITOS E TRAGÉDIAS.
IMAGENS DE JORNALISTAS TRABALHANDO, MAKE OFF E BASTIDORES	OFF2 ELES SE TORNAM TESTEMUNHAS DA VIOLÊNCIA, DESTRUIÇÃO E PERDA, EM BUSCA DA VERDADE E DO DIREITO À INFORMAÇÃO, MAS VOCÊ JÁ PAROU PARA PENSAR EM COMO ESSES PROFISSIONAIS SE SENTEM POR TRÁS DAS CÂMERAS?
IMAGENS CAPTADAS NAS ENTREVISTAS	FALAS FORTES DOS PROFISSIONAIS DA COMUNICAÇÃO ENTREVISTADOS
VINHETA DE ABERTURA	POR TRÁS DAS CÂMERAS: UMA REPORTAGEM SOBRE O IMPACTO DA COBERTURA DE TRAGÉDIAS NAS ROTINAS PRODUTIVAS/ E NA EXPERIÊNCIA PESSOAL, DOS PROFISSIONAIS DA COMUNICAÇÃO.
JORNALISTAS COBRINDO ALGUMA TRAGÉDIA, IMAGENS DE BOMBEIROS, SOCORRISTAS E MILITARES	OFF3 QUANDO O DESASTRE ACONTECE, GERALMENTE OS JORNALISTAS SÃO OS PRIMEIROS A CHEGAREM NO LOCAL, EM ALGUNS CASOS CHEGAM ANTES MESMO DOS BOMBEIROS, PESSOAL MÉDICO OU FORÇAS MILITARES,/ O EDITOR THIAGO OLIVEIRA EXPLICA A IMPORTÂNCIA DE SABER LIDAR

	DE FORMA ÉTICA COM O TRATAMENTO DAS IMAGENS E O ENFOQUE DA NOTÍCIA NESSES CASOS.
SONORA THIAGO OLIVEIRA	“O REPÓRTER CINEMATOGRAFICO QUANDO ESTÁ NA RUA RECEBE A ORIENTAÇÃO DE REGISTRAR TUDO...”
JORNALISTAS COBRINDO ALGUMA TRAGÉDIA, IMAGENS DE BOMBEIROS, SOCORRISTAS E MILITARES	OFF4 A COBERTURA INTERNACIONAL DE GUERRA E CONFLITOS PODE PARECER ASSUSTADORA, MAS É UM ASSUNTO QUE ATRAI MUITOS JORNALISTAS PELA GRANDE REPERCUSSÃO MUNDIAL E O INVESTIMENTO FEITO PARA PRODUZIR CADA MATÉRIA.
IMAGENS DE DESTRUIÇÃO E DA GUERRA E IMAGENS DA ENTREVISTA COM O RODRIGO	OFF5 O JORNALISTA DE ASSUNTOS INTERNACIONAIS RODRIGO LOPES, JÁ TESTEMUNHOU DIVERSAS TRAGÉDIAS COMO A CATÁSTROFE DO FURACÃO KATRINA E A GUERRA ENTRE ISRAEL E HEZBOLLAH, ELE AFIRMA QUE A OPORTUNIDADE DE REPORTAR ESSES ACONTECIMENTOS FOI UMA GRANDE REALIZAÇÃO PROFISSIONAL
SONORA RODRIGO LOPES	SONORA: “PRA MIM ERA UM SONHO COBRIR UMA GUERRA COMO PROFISSIONAL, PORQUE É NA GUERRA QUE O SER HUMANO SE REVELA POR INTEIRO NAQUILO QUE TEM DE MELHOR E NAQUILO QUE TEM DE PIOR...”
IMAGENS DA ENTREVISTA COM LOURIVAL	OFF6 O JORNALISTA E ESCRITOR LOURIVAL SANTANA HÁ DÉCADAS

	<p>COBRE CONFLITOS ARMADOS E SITUAÇÕES EXTREMAS, ELE EXPLICA QUE A COBERTURA DE GUERRA ACABA SENDO UM DESDOBRAMENTO NATURAL PARA QUEM ACEITA CORRER RISCOS E SE DESTACAR NA PROFISSÃO.</p>
<p>SONORA LOURIVAL SANT'ANNA</p>	<p>SONORA: “A GUERRA É TIPO O TOPO DA CADEIA ALIMENTAR DA COBERTURA INTERNACIONAL É O ÁPICE DA REPORTAGEM INTERNACIONAL, ONDE VOCÊ APRIMORA SUAS TÉCNICAS DE REPORTAGEM...”</p>
<p>IMAGENS DE JORNALISTAS COBRINDO CONFLITOS</p>	<p>OFF6 ALÉM DA VONTADE DE COBRIR GUERRA É PRECISO TER CONTROLE EMOCIONAL. O JORNALISTA RODRIGO LOPES DESTACA A IMPORTÂNCIA DE SABER LIDAR COM O MEDO E A ADRENALINA, PARA QUEM DESEJA SEGUIR CARREIRA NESSE TIPO DE COBERTURA</p>
<p>SONORA RODRIGO LOPES</p>	<p>SONORA: “O EPISÓDIO DOS 15 MIN DE BOMBARDEIO EU TIVE A EXATA NOÇÃO DE COMO LIDAR COM OS SENTIMENTOS...”</p>
<p>IMAGENS DE REPORTAGENS. GUERRA E COBERTURAS JORNALÍSTICAS</p>	<p>OFF7 SEJA NOS LINKS AO VIVO, OU NAS ILHAS DE EDIÇÃO TODA A EQUIPE TRABALHA TÃO COMPROMETIDA COM O DEVER DE INFORMAR, QUE ACABA DEIXANDO OS RISCOS E A SAÚDE EM SEGUNDO PLANO. O EDITOR THIAGO OLIVEIRA, POR EXEMPLO, DESENVOLVEU UMA DOENÇA CHAMADA PSORÍASE POR CONTA DO STRESS.</p>

<p>SONORA THIAGO OLIVEIRA</p>	<p>SONORA “É BEM COMUM MUITA GENTE ACABA INDO NO FISIOTERAPEUTA, PENSA QUE É ALGUM OUTRO PROBLEMA, MAS É SÓ UMA TENSÃO MUSCULAR...”</p>
	<p>PASSAGEM POR TRÁS DAS LENTES, MICROFONES E LAPELAS, EXISTE UMA EQUIPE QUE ENFRENTA DIARIAMENTE UMA ROTINA PRODUTIVA INTENSA, COMPETITIVA E URGENTE. E POR ISSO O PREPARO PARA LIDAR DA MELHOR MANEIRA COM OS ENTREVISTADOS SE FAZ NECESSÁRIO PARA QUE A MATÉRIA NÃO ULTRAPASSE OS LIMITES DA ÉTICA E RESPONSABILIDADE JORNALÍSTICA.</p>
<p>SONORA KÁTIA GOMES</p>	<p>SONORA “EU ESCREVO LÁ ENTÃO TENHO QUE LIDAR DE UMA FORMA RÁPIDA, ENTÃO EU PRECISO DEIXAR A EMOÇÃO DA HISTÓRIA DE LADO E FOCAR...”</p>
<p>SONORA RODRIGO LOPES</p>	<p>SONORA “A MINHA RECOMENDAÇÃO TAMBÉM É DE CUIDADO AO EXPOR AS VÍTIMAS, PORQUE O TERRORISMO ELE QUER DE FATO PROVOCAR O MAIOR NÚMERO DE MORTES E SER VISTO...”</p>
<p>SONORA THIAGO OLIVEIRA</p>	<p>SONORA “TEM IMAGENS QUE ENVOLVEM VIOLÊNCIA FÍSICA, ENTÃO A GENTE BORRA AS PESSOAS, PORQUE SE A PESSOA NÃO FOI CONDENADA ELA É UM SUSPEITO...”</p>

<p>IMAGENS DA ENTREVISTA COM DANILTON PORTELA</p>	<p>OFF8 O REPÓRTER CINEMATOGRAFICO DANILTON PORTELA, TRABALHA HÁ 18 ANOS REPORTANDO OS MAIS DIVERSOS TIPOS DE ACONTECIMENTOS, ELE EXPLICA QUE O AMOR PELA PROFISSÃO É O QUE O MOTIVA A CORRER RISCOS E CONTINUAR NA CARREIRA JORNALÍSTICA.</p>
<p>SONORA DANILTON PORTELA</p>	<p>SONORA “EU TRABALHEI TAMBÉM EM PROGRAMA POLICIAL E EU ME COLOCAVA MUITO EM RISCO...”</p>
<p>IMAGENS DE TERAPIA ONLINE E JORNALISTAS</p>	<p>OFF9 PARA SE PROTEGER DOS RISCOS QUE ENVOLVEM A PROFISSÃO O PSICÓLOGO AILTON SOUSA ALERTA SOBRE A IMPORTÂNCIA DE ANALISAR OS RISCOS ANTES DE INICIAR O TRABALHO, POIS ISSO AJUDA O PROFISSIONAL A IMPOR LIMITES NECESSÁRIOS PARA SUA SEGURANÇA FÍSICA E EMOCIONAL.</p>
<p>SONORA AILTON SOUSA</p>	<p>SONORA “O JORNALISTA QUANDO ESTÁ DIANTE DE UM FATO ELE QUER SEMPRE TER A MELHOR NOTÍCIA. DE ENTENDER QUE A VIDA NÃO SE RESUME SÓ A ISSO”.</p>
	<p>PASSAGEM MESMO COM OS RISCOS E DIFICULDADES ENFRENTADOS PELA PROFISSÃO, OS JORNALISTAS SEGUEM GARANTINDO O DIREITO À INFORMAÇÃO RESPONSÁVEL E ÉTICA PARA CUMPRIR SEU PAPEL SOCIAL E DEMOCRÁTICO.</p>

<p>SONORA THIAGO OLIVEIRA</p>	<p>SONORA “NUNCA SE PRECISOU TANTO DE JORNALISMO E EM MEIO A CAMPANHAS DE DESINFORMAÇÃO DE FAKE NEWS O JORNALISMO SÓ FAZ SENTIDO SE TIVER UM PAPEL SOCIAL”</p>
<p>SONORA AILTON SOUSA</p>	<p>SONORA “ALGUÉM PRECISA FAZER ESSE TRABALHO E GERALMENTE QUEM ESCOLHE ESSA PROFISSÃO DE JORNALISTA ELE QUER DAR A MELHOR INFORMAÇÃO”</p>
<p>CRÉDITOS FINAIS</p>	<p>ENCERRAMENTO</p>